



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

ROBSON FARIAS GUIMARÃES

TODO MUNDO

– UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA E SEMÂNTICA –

**Brasília
2018**

ROBSON FARIAS GUIMARÃES

TODO MUNDO

– UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA E SEMÂNTICA –

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

**Brasília
2018**

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre apoiaram e incentivaram meus estudos e orientaram da melhor forma as minhas escolhas profissionais.

AGRADECIMENTOS

A Deus o autor da vida, que me abençoou e permitiu que eu pudesse chegar até aqui com saúde e disposição para prosseguir.

A minha mãe Maria Eugênia Farias Guimarães que nunca mediu forças para me incentivar, apoiar e me ajudar da melhor maneira possível.

A memória de meu pai Carlos Barreira Guimarães que também me apoiou incondicionalmente, durante os processos dos vestibulares, para que eu não fraquejasse e permanecesse firme perante as adversidades.

Aos professores do Instituto de Letras que tive a honra de ser aluno e que durante a minha graduação contribuíram, com seus ensinamentos, para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

Ao meu professor e orientador Marcus Vinicius Lunguinho pela orientação, respeito e amizade.

A Universidade de Brasília e ao seu corpo técnico administrativo pelos serviços prestados.

Aos meus amigos e colegas que pude cultivar durante minha estadia na Universidade de Brasília.

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao estudo morfossintático e semântico da expressão *todo mundo* a partir das ocorrências linguísticas do português brasileiro. O objetivo é o de analisar o emprego e a constituição da expressão *todo mundo* com base em dados linguísticos das modalidades orais e escrita extraídos dos seguintes domínios: da rede social *Facebook*, do site *Reclame Aqui* e do portal de notícias *Metrópoles*. E foram assim classificados, respectivamente, como informais, mais ou menos formais e formais. Para entender as mudanças morfológicas, sintáticas e semânticas da expressão *todo mundo*, foi realizado um levantamento analítico e teórico em dicionários, gramáticas normativas e nas pesquisas desenvolvidas nos campos da gramaticalização e da semântica formal. A análise destes dados revelou que a expressão *todo mundo* ocorre tanto nas modalidades escritas que se aproximam dos usos da modalidade oral informal, como da modalidade escrita de caráter formal. Ela pode exercer as funções de sujeito, objeto direto e indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e predicativo do sujeito. Porém, também pode aparecer em contextos sintagmáticos sem exercer qualquer função sintática. Sua função semântica é dada por meio de relação metonímica de continente pelo conteúdo. Os resultados desta pesquisa evidenciam que a expressão *todo mundo* passou por uma recategorização gramatical e pode ser definida como um *sintagma indefinido* devido a sua natureza morfossintático-semântica. E sempre quantifica numa contagem total, porém indefinida, entes de natureza humana numa relação metonímica de continente pelo conteúdo.

Palavras-chave: *Todo mundo*. Morfossintático e semântico. Gramaticalização. Sintagma indefinido. Metonímica.

ABSTRACT

The present work refers to the morphosyntactic and semantic study of the term *everyone* from the occurrences of the Brazilian Portuguese language. The objective is to analyse the employment and the creation of the term *everyone* based on linguistic data of the oral and written modes extracted from the following areas: the social network *Facebook*, the website *complain here* and the news portal *Metropolises*. And were thus classified, respectively, as more or less formal, informal and formal. To understand the morphological, syntactic and semantic changes of the term *everyone*, we conducted a survey and analytical in dictionaries, grammars and standards in research developed in the fields of grammaticalization and formal semantics. The analysis of these data revealed that the expression *everyone* occurs both in written approaching informal oral mode uses, as of the writing of formal character mode. She can exercise the functions of subject, direct object and indirect, adnominal, adverbial Adjunct Assistant and that of the subject. However, it can also appear in sintagmáticos contexts without exerting any syntactic function. Its semantic function is given by means of metonymic relation of mainland by content. The results of this research show that the term *everyone* underwent a recategorization grammatical and can be defined as a *term undefined* because of your nature morphosyntactic-semantics. And always a total count, quantify but undefined, loved of human nature in a metonymic relation of mainland by content.

Keywords: *Everyone*. Morphosyntactic and semantic. Grammaticalization. Term undefined. Metonymic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. ASPECTOS GERAIS DA EXPRESSÃO <i>TODO MUNDO</i>.. Erro! Indicador não definido.	
1.1. A expressão <i>Todo Mundo</i> na acepção dos Dicionários Houaiss e Aurélio Erro!	
Indicador não definido.	
1.2.A expressão <i>Todo Mundo</i> na acepção do Dicionário Informal Erro! Indicador não	
definido.	
1.3. As variantes <i>Todo o mundo</i> e <i>Todo mundo</i> na acepção dos Compêndios de	
Dificuldades da Língua Portuguesa Erro! Indicador não definido.	
1.4.Ambiguidade semântico-sintático das expressões <i>Todo o mundo</i> e <i>Todo mundo</i>	
Erro! Indicador não definido.	
Conclusões Preliminares Erro! Indicador não definido.	
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: GRAMATICALIZAÇÃO E METONÍMIA..... Erro!	
Indicador não definido.	
2.1. Aspectos gerais acerca da gramaticalização Erro! Indicador não definido.	
2.2. Metonímia Erro! Indicador não definido.	
2.2.1. Metonímia na Visão da Gramática Tradicional.... Erro! Indicador não definido.	
2.2.2. Metonímia na Visão da Gramaticalização..... Erro! Indicador não definido.	
Conclusões Preliminares Erro! Indicador não definido.	
3. METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS..... Erro! Indicador não definido.	
3.1. Aspectos Gerais Acerca da Coleta dos Dados Erro! Indicador não definido.	
3.2. Ocorrências de <i>Todo mundo</i> no Contexto da Modalidade Oral Erro! Indicador não	
definido.	
3.3. Ocorrências de <i>Todo mundo</i> no Contexto da Modalidade Escrita Erro! Indicador	
não definido.	
3.4. Relação Quantitativa dos Dados Erro! Indicador não definido.	
Conclusões Preliminares Erro! Indicador não definido.	
4. ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA E SEMÂNTICA DE <i>TODO MUNDO</i>..... 33	
4.1. Relações Morfológicas de <i>Todo mundo</i> 33	
4.2. Relações Sintáticas de <i>Todo mundo</i>..... 35	
4.3. Relações Semânticas de <i>Todo mundo</i> 40	
4.3.1. Caráter metonímico do Sintagma Indefinido <i>Todo mundo</i>	42
4.3.2. A ausência do artigo definido no Sintagma Indefinido <i>Todo mundo</i>	47
Conclusões Preliminares 49	
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 50	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
---	-----------

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho monográfico será o de analisar os usos da expressão *todo mundo* no âmbito do português brasileiro. Com o intuito de entender se é uma expressão oriunda de transformações linguísticas nos terrenos morfológicos, sintáticos e semânticos. *Todo mundo* é uma expressão produtiva nos usos que o falante faz dela para indicar um quantitativo de pessoas de modo indefinido. Tal como é descrito pelas seguintes ocorrências:

- *Vem todo mundo o prof tá aqui pedindo mil desculpas!*
- *Tá todo mundo convidado desde já.*
- *TODO MUNDO VAI SABER!*
- *Todo mundo sabe que propaganda enganosa fere os direitos do consumidor, haja visto que isso ludibria o consumidor.*

Será por meio destes tipos de ocorrências que surgirá o interesse de analisar as motivações dos usos da expressão *todo mundo*. Para realizar este objetivo os dados acerca da expressão *todo mundo* serão coletados dos ambientes virtuais, como da rede social Facebook, o site Reclame Aqui e o portal de Notícias Metrôpoles. E a estrutura deste trabalho será organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo descreverá um panorama geral acerca da formação da expressão *todo mundo* com base em análise de dicionários e compêndios de renome da língua portuguesa, assim como de um dicionário online. E também constará o uso da gramática normativa e artigos acadêmicos sobre linguística. No segundo capítulo constarão os aspectos gerais sobre os estudos da gramaticalização e também o da metonímia. São eles que nortearão a base teórica no que tange as transformações linguísticas acerca do uso da expressão *todo mundo*. Para nortear esse discurso, serão utilizadas as principais obras da literatura normativa da língua portuguesa e aquelas sobre a gramaticalização, a fim de compor a fundamentação teórica deste trabalho.

O terceiro capítulo descreverá as metodologias de coleta dos dados acerca das ocorrências da expressão *todo mundo*. Assim como ocorrerão à definição dos contextos

linguísticos em que se concentram os usos da expressão *todo mundo*. No quarto capítulo estarão discriminadas a reunião dos dados e as análises realizadas acerca das ocorrências da expressão *todo mundo* no âmbito oracional. E estarão organizadas no âmbito morfológico, sintático e semântico. Estas análises terão por base os estudos da gramática normativa, dos pressupostos teóricos da gramaticalização e da metonímia e as teorias acerca da semântica formal.

CAPÍTULO 1

Aspectos gerais da expressão *todo mundo*

Introdução

Meu objetivo neste capítulo é o de apresentar algumas informações gerais acerca da expressão *todo mundo*, colhidas em fontes diversas. Essas informações são agrupadas em três seções. Na primeira, mostro como dois dicionários de língua portuguesa definem as palavras *todo* e *mundo*, bem como a expressão *todo mundo*. Na segunda seção, apresento como a expressão *todo mundo* é definida em um dicionário informal da língua portuguesa. Finalmente, na terceira seção, aponto como três compêndios de dificuldades e de dúvidas da língua portuguesa abordam a expressão *todo mundo*.

1.1 A expressão *todo (o) mundo* em dois dicionários de língua portuguesa

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010) trazem, de maneira detalhada, informações importantes acerca das palavras *todo* e *mundo*, por exemplo, dão sua origem etimológica, descrevem sua classe morfológica e possíveis flexões, apresentam as locuções formadas a partir delas.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* apresenta o seguinte verbete para a palavra *todo*:

Figura 1: O verbete *todo* no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

todo \ô\ *adj.* (sXIII) 1 a que não falta nenhuma parte; inteiro, completo, total <t. o dia foi de chuva> ■ *pron.* 2 *pron.indef.* qualquer, seja qual for; cada <t. cidadão tem direitos e deveres> ■ *adv.* 3 totalmente, por inteiro <o prédio ardeu t.> ■ *s.m.* 4 coisa completa; conjunto, ser, totalidade <as partes formam o t.> ■ *todos* *pron.indef.pl.* 5 todas as pessoas, toda gente, todo mundo <t. aplaudiram o discurso> ♦ ao t. no conjunto, no total <havia ali, ao t., 20 pessoas> • a toda o mais depressa possível; a toda a velocidade <o carro cruzou a rua a t.> • de t. ou de t. em t. de modo total; inteiramente, completamente <disse que, quanto a compromissos, estava de t. livre> ◉ GRAM a) fem: *toda*; pl.: *todos, todas*; b) é de se notar a diferença entre *todo o* e *todo* (acp. 1 e 2): *todo o dia* (= o dia inteiro) foi de chuva; t. cidadão (= qualquer cidadão) tem direitos e deveres (mas tratando-se de plural, é obrigatório o emprego do artigo: *todos os cidadãos têm direitos...*); c) como advérbio, é flexionável por atração ou eufonia: *a casa ardeu toda*; *ela era toda ouvidos* ◉ ETIM lat. *totus, tota, totum* 'todo, inteiro' ◉ SIN/VAR como subst.: ver antonímia de *divisão* ◉ ANT como subst.: ver sinonímia de *divisão* ◉ HOM *toda* \ô\ (f.) / *toda*(s.f.)

Fonte: Houaiss & Villar (2009, p. 1851)

Como se vê, *todo* pode pertencer a quatro classes morfológicas: adjetivo, advérbio, pronome e substantivo.

Em relação às suas combinações e seus sentidos, é estabelecida uma diferença entre *todo o*, que equivale a “inteiro”, e *todo* que significa “cada”, “qualquer”. Os diferentes sentidos dependem da presença/ausência do artigo após *todo*: *todo o dia foi de chuva* equivale a “o dia inteiro foi de chuva”, já *todo cidadão tem direitos e deveres* equivale a “qualquer cidadão tem direitos e deveres”. A partir da palavra *todo*, formam-se as seguintes expressões: *ao todo*, *a toda* e *de todo* ou *de todo em todo*. Como se vê, entre as expressões formadas a partir de *todo*, não se encontra a expressão *todo mundo*. Por outro lado, quando usado como pronome indefinido plural, *todos* equivale a *todo mundo*: “... *todos* *pron. indef. pl.* 5 todas as pessoas, toda gente, todo mundo <t. aplaudiram o discurso> ...”.

De acordo com Cunha (2001, p. 356), “[c]hamam-se INDEFINIDOS os pronomes que se aplicam à 3ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado”. De acordo com o exemplo apresentado no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o pronome indefinido plural *todos* denota a completude ou a totalidade de um referente que é plural, mas cuja quantidade exata é incerta.

Passemos agora à palavra *mundo*. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registra o seguinte verbete:

Figura 2: O verbete *mundo* no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

mundo *s.m.* (s.XIII) 1 totalidade dos astros e planetas; firmamento, universo 1.1 o planeta Terra 1.2 qualquer outro corpo celeste <observava o céu, fantasiando outros m.> 2 divisão da Terra em seus hemisférios <m. ocidental> 3 totalidade do que existe na Terra <o m. inteiro foi atingido pelo terremoto> 3.1 este planeta, ou parte dele, caracterizado por seus habitantes e costumes <há, neste m., quem ainda esteja na Idade da Pedra> 3.2 raça humana; totalidade das pessoas; humanidade <todo m. procura disfarçar sua própria animalidade> 3.3 população em geral; povo <o m. enfim reconheceu o seu talento> 4 p.ext. classe social <seu noivo não era do nosso m.> 5 p.met. vida em sociedade; mundanidade <homem do m.> 6 universo de todas as realidades existentes ou imaginadas <interessa-se por todos os assuntos deste m.> 6.1 domínio, esfera, universo <o m. das letras> 6.2 fig. espaço íntimo, escolhido para certo modo de viver <seu m. limita-se àquele quarto> 7 p.metf. algo muito grande, importante e/ou complexo <esse laboratório é um m.> 8 p.metf. grande quantidade (de algo) <comprou um m. de coisas para o filho> 9 **FIL.** totalidade integrada e coerente na qual habitam todos os objetos materiais, seres e realidades existentes; universo, cosmos ■ **adj.** 10 livre de qualquer sujeira; limpo <refinado, o conselheiro só tratava de assuntos m.> ♦ **m. inteligível** **FIL.** no platonismo e no neoplatonismo, realidade composta por formas ou ideias eternas e intangíveis, que, embora separada das subjetividades e objetos sensíveis, é conhecível pelo espírito humano e modelo essencial dos entes materiais • **mundos** e **fundos** grande quantidade de recursos, dinheiro, oferecimentos etc. <moveu mundos e fundos para viajar> • **m. sensível** **FIL.** no platonismo, realidade captável pelos sentidos, caracterizada por uma natureza concreta e material que reflete de maneira imperfeita a ordenação suprassensível das ideias eternas • **baixo m.** *pej.* m.q. **SUBMUNDO** ('delinquência') • **cair no m.** *infrm.* fugir, desaparecer • **correr m.** espalhar(-se), divulgar(-se) <suas palavras correm m.> • **ganhar o m.** deixar a família, a terra natal, para viver novas experiências <ganhou o m. ainda jovem> • **ir para o outro m.** morrer • **meio m.** grande quantidade de pessoas <contou para meio m. o segredo> • **no m.** da lua completamente alheio ao que se passa em redor <nada ouviu, estava no m. da lua> • **Novo M.** o continente americano, conhecido pelos europeus a partir do s.XVI • **Primeiro M.** conjunto de países que se incluem, econômica, política, social e culturalmente, entre as nações capitalistas desenvolvidas • **Segundo M.** conjunto de países, nações e/ou Estados socialistas • **ser do outro m.** ser incomum; extraordinário, excepcional • **Terceiro M.** conjunto de países economicamente subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento • **todo (o) m.** 1 as pessoas todas (tomadas indefinidamente) <todo (o) m. conhece esse artista> 2 todas as pessoas (a respeito das quais se sabe, se tratou antes) <já chegou todo m., podemos começar a reunião> • **Velho M.** conjunto dos países que pertencem à Europa, Ásia e África • **vir ao m.** nascer • **vir o m. abaixo** 1 *fig.* sobrevir grande perturbação ou estrago, em consequência de um fenômeno da natureza intenso <com a tempestade, o m. veio abaixo> 2 *fig.* haver comoção, escândalo, alvoroço <a descoberta da fraude fez o m. vir abaixo> ♦ **ETIM** lat. *mundus*, 'o firmamento; a criação; a terra, as nações; o século; o Império Romano; os infernos; o mundo considerado como Deus' ♦ **SIN/VAR** ver sinonímia de *quantidade* ♦ **ANT** ver sinonímia de *escassez*

Fonte: Houaiss & Villar (2009, p. 1331)

Mundo recebe duas classificações morfológicas, a saber: substantivo e adjetivo. A partir dessa palavra são formadas 19 expressões, entre elas *todo mundo*: “... **todo (o) m. 1** as pessoas todas (tomadas indefinidamente) <todo (o) m. conhece esse artista> **2** todas as pessoas (a respeito das quais se sabe, se tratou antes) <já chegou todo m., podemos começar a reunião> ...”.

O uso dos parênteses no artigo definido masculino indica que, na expressão *todo o mundo*, o artigo é opcional:

- (1) a. [Todo o mundo] conhece esse artista.
- b. [Todo mundo] conhece esse artista.

De acordo com os exemplos acima, tomados de empréstimo ao verbete, *todo o mundo* e *todo mundo* são expressões variantes que poderiam ser usadas para veicular os sentidos de “as pessoas todas (tomadas indefinidamente)” e de “todas as pessoas (a respeito das quais se sabe, se tratou antes)”.

Apesar de tais expressões serem tratadas no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* como variantes, [todo o mundo] não é uma expressão frequente em português brasileiro – pelo menos, não nos contextos apontados no dicionário. Segundo Dias (2014, p.9), “*todo o mundo* é mais utilizada em português europeu do que em português brasileiro”.

O *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* apresenta o seguinte verbete para a palavra *todo*:

Figura 3: O verbete *todo* no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*

todo (ô) [Do lat. *totu*.] *Adj.* 1. Completo, inteiro, total: *Esperei-o toda a semana; O ano todo foi de muito trabalho;* “Corram brandos perfumes no ar vizinho, / Que todo o brilho já se manifesta / Da Virgem admirável e modesta.” (José Albano, *Rimas*, p. 216); “para lá devia partir o rapaz logo depois da festa da Expição e em toda a viagem só jornadear de noite.” (João Ribeiro, *Crepúsculo dos Deuses*, p. 90); “O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre que se cingir sem o saber...” (Joaquim Nabuco, *Minha Formação*, p. 210); “Lutaram bravamente o dia todo” (Eduardo Canabrava Barreiros, *O Segredo de Sinhá Ernestina*, p. 5). 2. Que não deixa nada de fora; a que não falta parte alguma: *Toda a família compareceu à cerimônia; A escola toda desfilou.* [Nessas acepções, é de rigor o emprego do artigo, podendo ele, juntamente com o substantivo, pospor-se ou antepor-se ao *todo*; mas não se usa o artigo, normalmente, se dele não costuma vir precedido o substantivo. Comparem-se estes exemplos: *Conheço todo o Brasil e toda a Alemanha; Viajei por todo São Paulo e toda Santa Catarina.*] • *Pron. indef.* 3. Qualquer, cada: “Ai! por que todo ser nasce chorando?” (Da Costa e Silva, *Sangue*, p. 49); “Em toda parte vejo que procuras / O pecador ingrato” (José Albano, *Rimas*, p. 243); “Por toda a parte a sombra do mistério” (Alphonsus de Guimaraens, *Obra Completa*, p. 269); “Só hoje sei que em toda a criatura, / Desde a mais bela até à mais impura, / Ou numa pomba ou numa fera brava, / Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!” (Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*, p. 176). [É facultativo, como se vê nos exemplos, o uso do artigo nesse caso; uso muito mais comum em Portugal que no Brasil.

Flex.: *toda* (ô), *todos* (ô), *todas* (ô). Cf. *toda*, s. f., pl. *todas* e *tudo*.] • *Adv.* 4. *V. de todo*: “Um dia a vi tomando banho, no lago de águas claras. Fiquei atônito, todo maluco.” (Ursulino Leão, *Existência de Marina*, p. 122.) • *S. m.* 5. Conjunto, massa, generalidade: *Não me refiro às partes, mas ao todo.* ~ *V. todos.* • *De todo*. Totalmente, completamente, inteiramente; de todo em todo; todo: *Estava absorto de todo;* “Mas depois que tu partiste, / Perdi de todo a alegria: Fiquei triste, triste, triste.” (Manuel Bandeira, *Estrela da Vida Inteira*, p. 354). *De todo em todo.* *V. de todo.*

Fonte: Ferreira (2010, p. 2051)

Assim como no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, *todo* também recebe quatro classificações morfológicas: adjetivo, advérbio, pronome e substantivo. Da mesma forma que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* também elenca expressões que se formam com base na palavra *todo* – como *de todo em todo*, *ao todo* e *de todo*. Também não foi identificada a expressão *todo mundo* nesse verbete.

O verbebo *mundo*, apresentado no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, é o seguinte:

Figura 4: O verbete *mundo* no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*

mundo¹ [Do lat. *mundu*.] *S. m.* 1. A Terra e os astros considerados como um todo organizado; o Universo: *Deus criou o mundo em sete dias.* 2. Qualquer corpo celeste: *Haverá vida em outros mundos?* 3. O globo terrestre; a Terra, o orbe, o planeta. 4. Qualquer extensão, qualquer espaço, na Terra, e/ou os seres que habitam tal espaço; universo: *o mundo mediterrâneo; o mundo cristão.* 5. Tudo o que existe na Terra; universo: *O mundo não vale o meu lar.* 6. *Fig.* A maioria dos homens; a humanidade; as pessoas: *O misantropo odeia o mundo.* 7. *Fig.* A vida no século, na sociedade: *os prazeres do mundo.* 8. *Fig.* Classe social: *Essas pessoas não são de seu mundo.* 9. *Fig.* A totalidade das coisas que pertencem a um mesmo domínio, a uma mesma classe: *o mundo físico; o mundo do pensamento.* 10. *Fig.* Ambiente

preferido; universo: *A família é o seu mundo.* 11. *Fig.* Conjunto de coisas importantes e complexas: *Este hotel é um mundo.* 12. Conjunto de pessoas ligadas por um interesse comum: *o mundo dos negócios; o mundo dos esportes.* 13. *Filos.* Unidade autônoma de fenômenos, determinada por um conjunto completo de variações possíveis, e que é inesgotável na multiplicidade de significados que pode assumir. 14. *Bras. V. quantidade* (3): *“sabia que naquele casarão funcionavam os escritórios com o inspetor à frente, dirigindo um mundo de coisas”* (Ranulfo Prata, *Navios Iluminados*, p. 17). ♦ **Mundo aberto sem porteira.** *Bras. SP Pop.* 1. Grande extensão de terra. 2. O mundo (3) como um todo, sem nada que o divida. Mundo exterior. *Filos.* O conjunto de seres, animados ou inanimados, que nos circundam e entre os quais nos movemos e agimos no dia a dia. Mundo inteligível. *Filos.* O conjunto dos fenômenos produzidos pela atividade intelectual, pela reflexão, pelo pensamento. Mundo sensível. *Filos.* O conjunto dos fenômenos do mundo exterior que percebemos de forma acrítica (v. *acrítico*) através dos sentidos. **Mundos e fundos.** Quantia vultuosíssima: *“O sítio é bom, mas seu Braga pede mundos e fundos por ele.”* (Coelho Neto, *Treva*, p. 332.) Abarcar o mundo com as pernas. 1. Empreender numerosas coisas simultaneamente. 2. Querer tudo ao mesmo tempo. **Abrir no mundo.** *Bras. N.E. Pop. V. fugir* (1 e 2): *“Entrou de porta adentro, sem dar uma palavra, e atirou. Depois saltou no cavalo e abriu no mundo.”* (Fontes Ibiapina, *Congresso de Duendes*, p. 127.) **Afundar no mundo.** *Bras.* 1. Ir-se embora; partir; ganhar o mundo; danar-se no mundo; pisar no mundo: *“— Ando com palpite de afundar no mundo.... Vou ver aquilo por lá [pelo Paraná]; quero conhecer mundo e gente”* (Amadeu de Queirós, *João*, p. 197). 2. *V. fugir* (1 e 2). **Aribar no mundo.** *Bras. N.E. Pop. V. fugir* (1 e 2): *“Chiquita foi embora com um chofer de caminhão. Ceição casou-se (já largou o marido e arribou também no mundo).”* (Fontes Ibiapina, *Congresso de Duendes*, p. 98.) **Azular no mundo.** *Bras. V. fugir* (1 e 2): *“Zé Canuto que, ao cair, ficara com uma perna prensada sob o corpo do animal, desvencilhou-se.... e azulou no mundo. Chegou ao Monte Alto quase sem fôlego”* (José Maria de Melo, *Os Canoés*, p. 78). **Cair no mundo.** *Bras. Pop. V. fugir* (1 e 2). **Correr mundo.** 1. Viajar (1): *“Era uma vez um menino chamado Miguel que saiu a correr mundo.”* (Gondim da Fonseca, *Histórias de João Mindinho*, p. 73.) 2. *Fig.* Espalhar-se, divulgar-se, propalar-se: *“As mais desconstruídas notícias corriam mundo sobre o poderio surpreendente dos guerrilheiros entrincheirados nos cerros e grotas em torno de Canudos.”* (Sílvia Rabelo, *Euclides da Cunha*, p. 89.) **Danar-se no mundo.** *Bras. N.E. Pop. V.*

afundar no mundo (1): *“Dane-se no mundo. Pão-zinho, amarre a mulher e os filhos e ganhe a estrada.”* (Teotônio Brandão Vilela, *Andanças pela Crônica*, p. 88.) **Desabar o mundo.** Vir o mundo abaixo. Desde que o mundo é mundo. Desde os tempos mais remotos. Despachar para o outro mundo. *Bras. Pop.* Matar (1). Do outro mundo. *Bras. Pop.* Excelente, ótimo, estupendo: *“um marinheiro da Armada atirou-se embaixo de um trem por causa de uma mulatinha do outro mundo”* (Ribeiro Couto, *Conversa Inocente*, p. 213). **Embarcar deste mundo para um melhor.** *Bras. V. morrer* (1): *“Maria-do-Luciano fez o pior negócio da vida, pois logo no primeiro parto embarcava deste mundo para um melhor, carregada nas asas dos anjos, de boa que era”* (Bariani Ortêncio, *Vão dos Angicos*, p. 87). **Ganhar o mundo.** *Bras.* 1. *V. afundar no mundo* (1): *“esse, com a idade de vinte anos, ganhou o mundo e já nem sei por onde anda.”* (Raquel de Queirós, *100 Crônicas Escolhidas*, p. 3). 2. *V. fugir* (1 e 2). Ir no melhor dos mundos. Estar algo muito bem; ter andamento ótimo, excelente. Ir para o outro mundo. *V. morrer* (1). *“Era o filho do velho Baglioni que eu ajudara a ir para o outro mundo.”* (Rubem Fonseca, *Histórias de Amor*, p. 30.) **Mandar para o outro mundo.** *V. matar* (1): *“se eu não falei da morte do mocinho grego, vendedor de balas, que o bonde elétrico mandou para o outro mundo.... não é justo que fale dos terríveis sustos de quinta-feira passada.”* (Machado de Assis, *A Semana*, II, p. 201). Não ser deste mundo. Não existir (q. v.). No mundo da Lua. Alheio à realidade; muito distraído; na Lua, na estratosfera: *“Vive no mundo da Lua.”* Novo Mundo. O continente americano. O mundo inteiro. *V. todos.* Outro mundo. *V. além* (5): *“não me desgostava dele [o livro] por nada desse mundo. Nem do outro mundo.”* (Léo Cunha, *Nas Páginas do Tempo*, p. 48). **Pisar no mundo.** *Bras. S. Pop.* 1. *V. afundar no mundo* (1). 2. *V. fugir* (1 e 2). **Prometer este mundo e o outro.** *V. prometer mundos e fundos:* *“os meus pais prometeram-me este*

mundo e o outro na condição de não casar com ele” (Lobo Antunes, *O Esplendor de Portugal*, pp. 49-50). **Prometer mundos e fundos.** Fazer promessas ou oferecimentos extraordinários; prometer este mundo e o outro: *“Levei três anos e meio rondando aquela casa, para um dia.... entrar de porta adentro e perguntar-lhe, prometendo mundos e fundos, se queria amigar-se comigo.”* (Osmã Lins, *Nove, Novena*, pp. 104-105.) **Terceiro Mundo.** O conjunto dos países subdesenvolvidos; terceira força. Todo o mundo. *V. todos:* *“Supunha todo o mundo que Júlio dissiparia, em pouco tempo, o patrimônio de sua mãe.”* (Camilo Castelo Branco, *Doze Casamentos Felizes*, p. 207); *“É impossível que ele ignore.... Todo o mundo o sabe....”* (Valentim Magalhães, *Vinte Contos*, p. 46); *“Ahi Ninguém vê, mas todo o mundo sente / Dentro, n’alma, um Atlântico infinito....”* (Raimundo Correia, *Poesias*, p. 161). **Velho Mundo.** A parte do mundo constituída pelo continente eurasiático e pela África. **Ver o mundo com.** *Bras. N.E. Pop.* Sofrer muito com: *“Tenho visto o mundo com esta doença. Vir o mundo abaixo. 1. Ocorrer uma catástrofe, um mal irremediável, ou ventania ou chuva forte, etc. 2. Haver grande escarcêu, forte escândalo, cenas desagradáveis: “Chegar à janela era um ato que lhe estava tacitamente vedado e de sair sozinho à rua Deus a livrasse; viria o mundo abaixo!”* (Artur Azevedo, *Contos Efêmeros*, p. 109.) [Sin. ger.: *desabar o mundo.*]

mundo² [Do lat. *mundu*, ‘limpo’; ‘elegante’.] *Adj.* Limpo, puro: *“todas as embriaguezes, assim as mundas como as imundas, segundo a hierarquia consagrada, conduzem ao nirvana”* (Tristão da Cunha, *Cousas do Tempo*, p. 143).

Fonte: Ferreira (2010, p. 1440)

A palavra *mundo*, como podemos ver, tem duas entradas, uma como substantivo e outra como adjetivo. Neste trabalho nos interessa a entrada da palavra *mundo* como substantivo. No uso substantivo de *mundo*, o dicionário apresenta várias expressões formadas com essa palavra, entre elas *todo o mundo*. Sobre essa expressão, o verbete traz a seguinte informação:

Todo o mundo. V. *todos*: “Supunha todo o mundo que Júlio dissiparia, em pouco tempo, o patrimônio de sua mãe.” (Camilo Castelo Branco, *Doze Casamentos Felizes*, p. 207); “É impossível que ele ignore...Todo o mundo o sabe...” (Valentim Magalhães, *Vinte Contos*, p. 46); “Ah! Ninguém vê, mas todo o mundo sente/ Dentro, n’alma, um Atlântico infinito...” (Raimundo Correia, *Poesias*, p. 161).”

Para entender o significado da expressão *todo o mundo*, o leitor é remetido à entrada do pronome indefinido *todos*. Isso acontece porque essa expressão compartilha com o pronome indefinido *todos* aspectos do seu significado. Vejamos que, nos exemplos apresentados, a expressão *todo o mundo* é usada com o sentido de “todos” ou “todas as pessoas”. Interessante notar que, diferentemente de Houaiss & Villar (2009), Ferreira (2010) não menciona a outra variante *todo mundo*, apresentando apenas a forma *todo o mundo*, que, como vimos, é a forma mais comum no português europeu.

1.2 A expressão *todo mundo* no *Dicionário inFormal*

Na seção anterior, vimos que, enquanto a expressão *todo o mundo* é a variante mais usual no português europeu para indicar o sentido de “todos” ou de “todas as pessoas”; no português brasileiro, *todo mundo* é a variante mais comum para expressar esse sentido. Sendo *todo mundo* a forma mais usada pelos brasileiros, é importante saber como os falantes do português brasileiro interpretam essa forma. Já vimos muito sobre isso quando apresentamos os verbetes extraídos do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) e do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2010). O que faremos nesta seção é verificar como não especialistas tratam a expressão *todo mundo*. Para tanto, utilizarei o *Dicionário inFormal* com o fim de estabelecer uma comparação com as informações colhidas nos dois dicionários acima.

De acordo com a descrição do site, o *Dicionário inFormal* é um “**dicionário** de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português”. Como se vê, trata-se de uma ferramenta que disponível para consulta gratuitamente na internet e, como qualquer ferramenta da internet, se caracteriza pela praticidade. Seus verbetes são elaborados pelos próprios usuários e, por isso, não é fruto de um estudo sistemático feito por especialistas em Linguística. Não sendo produzido por especialistas, os verbetes do *Dicionário inFormal* não apresentam o mesmo grau de detalhamento e complexidade que se vê no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* nem no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Como se lê no site do *Dicionário*

inFormal, neste dicionário “não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português”. Em outras palavras, as definições para as palavras e expressões contidas nesse dicionário não têm por objetivo ditar regras nem apontar erros gramaticais, mas descrever como são os usos dessas palavras e expressões no português informal do dia a dia.

Foi justamente o fato de ser uma obra coletiva, produzida por não-especialistas que buscam retratar suas impressões acerca das palavras e expressões usadas no português informal que atraiu nosso interesse por esse dicionário. A pergunta que nos motivou foi a seguinte: como será que os falantes do português brasileiro interpretam a expressão *todo mundo*? Com essa questão em mente, partimos para o exame do *Dicionário inFormal*.

Não foi necessário consultar, separadamente, as palavras *todo* e *mundo*, como fizemos no caso do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. O *Dicionário inFormal* dispõe de uma barra de pesquisa, o que torna a consulta mais eficaz, já que possibilita digitar palavras ou expressões do modo como estão ordenadas. Desse modo, digitei a expressão *todo mundo* e foi possível localizá-la:

Figura 5: O verbete *todo mundo* no *Dicionário informal*



Acesso em abril de 2018.

A definição foi apresentada em 2017 pelo usuário Magno, proveniente do Ceará. Segundo esse usuário, *todo mundo* significa “grande quantidade de pessoas” ou “grupo com muitas pessoas”. Seu exemplo ilustrativo é *Todo mundo odeia o Chris* e, segundo o que ele apresenta em sua definição, a expressão *todo mundo* se refere a “grande quantidade de

peças” ou “grupo com muitas peças”. Assim, essa frase poderia ser parafraseada como abaixo:

- (2) a. [Todo mundo] odeia o Chris
- b. [Grande quantidade de peças] odeia o Chris
- c. [Grupo com muitas peças] odeia o Chris

Considerando que esteja correta a definição de Magno, a interpretação de [*todo mundo*] não considera que são todas as peças que odeiam o Chris, mas apenas uma “grande quantidade de peças” ou um “grupo com muitas peças”.

O significado apresentado pelo *Dicionário inFormal* para a expressão *todo mundo* não coincide com o significado fornecido pelo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e pelo *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* para a expressão *todo (o) mundo*. Enquanto aquele afirma que a expressão *todo mundo* significa “grande quantidade de peças” ou um “grupo com muitas peças” estes dois afirmam que a expressão *todo (o) mundo* significa “todos”. Essa divergência é importante, pois aponta para dois aspectos do significado de *todo mundo* / *todo (o) mundo*: “grande quantidade indefinida” e “totalidade”.

1.3 *Todo (o) mundo* em compêndios de dificuldades e de dúvidas da língua portuguesa

De acordo com o que foi apresentado nas seções anteriores, as expressões *todo o mundo* e *todo mundo* são formas variantes que se associam ao mesmo sentido, qual seja: a) indicar totalidade e b) indicar grande quantidade indefinida. Por serem variantes, *todo o mundo* e *todo mundo* configuram-se como exemplos tratados em compêndios de dificuldades da língua portuguesa. Nesta seção, apresentaremos como essas duas expressões aparecem descritas em três compêndios de dúvidas da língua portuguesa.

Na obra *Não erre mais! Português agradável e descomplicado*, Sacconi (2000) expõe sua visão acerca da variação entre *todo o mundo* e *todo mundo*, dizendo que usar a expressão *todo mundo* “é asnice, porque aquele que emprega essa expressão espúria alimenta a ingênua ideia de que ‘todo o mundo’ é apenas o mundo inteiro. **Também é**”. (SACCONI, 2000, p.38). Como se vê, o autor critica o uso da variante *todo mundo* e é favorável ao emprego irrestrito da forma *todo o mundo*, uma vez que tal forma não tem apenas o sentido de

“mundo inteiro”. Assim, segundo Sacconi (2000, p.83) a forma *todo o mundo* deve ser usada “em qualquer sentido, em qualquer circunstância”.

No seu *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*, Sacconi reafirma sua posição favorável ao uso da variante europeia *todo o mundo* e contrária ao emprego da variante brasileira *todo mundo*: “sempre com o artigo, em qualquer acepção. Mas todo o mundo no Brasil escreve ‘todo mundo’. É impressionante! Existem até certos gramáticos que abonam a expressão sem o artigo, num equívoco imperdoável” (SACCONI, 2005, p. 355.). Sua justificativa tem por base a forma das expressões *Tout le monde* e *Todo el mundo*, respectivamente, do francês e do espanhol. Se, nessas línguas, se mantém o artigo é mantido, por que motivo no Brasil há de ser diferente?

Ao apresentar o verbete *todo* em seu *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, Cegalla (2007, p.397) informa o seguinte:

Todo o mundo, todo mundo. 1. No sentido de *todas as pessoas, toda a gente*, são corretas as duas modalidades dessa expressão; a primeira, porém, é a que deve merecer a preferência: “*Todo o mundo* se engana (Séguier)/ “Supunha *todo o mundo* que Júlio dissipasse, em pouco tempo, o patrimônio da mãe.” (Camilo Castelo Branco, *apud* Aurélio) / Ela falava mal de *todo (o) mundo*.” (Antônio Houaiss, *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse*)”

Como se vê, para Cegalla (2007), a expressão *todo (o) mundo* pode vir ou não acompanhada do artigo definido, desde que apareça em contextos em que seja interpretada como “todas as pessoas” ou “toda a gente”. Quando se refere à palavra *mundo*, Cegalla (2007) apresenta a expressão *todo o mundo*, dizendo que ela tem uma forma variante – *todo mundo* – e que a variante *todo o mundo* “deve merecer a preferência” (CEGALLA, 2007, p. 271). Ou seja, apesar de considerar a existência das formas variantes, o autor recomenda o uso da expressão com o artigo definido *todo o mundo*.

Bechara, em seu *Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa*, indica que se a referência for “às pessoas em geral, estão corretas as duas formas” (BECHARA, 2016, p.280). Ou seja, tanto *todo o mundo* como *todo mundo* são expressões corretas em português.

Como se vê, enquanto Cegalla (2007) e Bechara (2016) são mais abertos à variação, mostrando que a expressão *todo (o) mundo* pode ser usada com ou sem o artigo, Sacconi (2000, 2005) é mais conservador e preciosista uma vez que, para ele, só a variante do português europeu (*todo o mundo*) é correta e tem prestígio.

Conclusões preliminares

Neste capítulo vimos como três fontes tratam a expressão *todo mundo*. Os dois dicionários consultados, quais sejam, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* não trazem uma entrada para a expressão *todo mundo*. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, essa expressão é listada como parte do verbete *mundo* e como forma variante de *todo o mundo*. Já no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, só se registra a forma *todo o mundo*, também como uma expressão formada a partir da palavra *mundo*.

No *Dicionário inFormal*, encontra-se a forma *todo mundo* e não a forma *todo o mundo*.

Nos compêndios de dificuldades e de dúvidas da língua portuguesa, há uma gradação nas opiniões acerca de *todo mundo*. Em um extremo, Sacconi, no livro *Não erre mais! Português agradável e descomplicado* e no *Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa*, é taxativo ao afirmar que só está certa a expressão *todo o mundo*. Cegalla, no seu *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, apesar de reconhecer a existência das formas *todo o mundo* e *todo mundo*, afirma que *todo mundo* é uma expressão preferida. Por fim, no extremo oposto a Sacconi, Bechara, em seu *Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa*, também reconhece a existência das duas formas, sem assumir que uma é mais recomendável que a outra.

Em relação ao seu significado, as fontes consultadas apresentam as seguintes paráfrases para *todo (o) mundo*: “as pessoas todas, tomando-se esse conjunto de forma indefinida”, “todos”, “grande quantidade de pessoas”, “grupo com muitas pessoas”, “todas as pessoas”, “toda a gente”, “as pessoas em geral”. Em resumo, todas as fontes consultadas são unânimes em dizer que está associada à forma *todo (o) mundo* um sentido de totalidade.

CAPÍTULO 2

Pressupostos teóricos: Gramaticalização e metonímia

Introdução

Neste capítulo, apresentarei dois aspectos teóricos importantes para o estudo da expressão *todo mundo*, quais sejam: a noção de gramaticalização e o conceito de metonímia. O capítulo se organiza em duas seções. Na primeira, traço uma visão geral acerca da mudança linguística denominada gramaticalização e, na segunda, mostro e apresento o conceito de metonímia e a forma como ela é entendida nos estudos sobre gramaticalização.

2.1. A gramaticalização

O termo *gramaticalização* surge com a publicação do artigo *L'évolution des formes grammaticales*, do linguista francês Antoine Meillet (1948). Nesse estudo, a gramaticalização já é vista como um dos processos de mudança linguística, tal como descrevem Vitral e Ramos (2015, p. 13):

A noção de gramaticalização foi introduzida por Meillet (1948:131) para designar um certo tipo de fenômeno linguístico de natureza diacrônica. Trata-se da transição gradual de “palavras principais” para “palavras acessórias” e, enfim, para “palavras gramaticais” em estágios de uma língua. Itens pertencentes às categorias “de conteúdo lexical”, como verbos e adjetivos, passam a fazer parte de categorias “vazias de conteúdo lexical”, como auxiliares e certas preposições; e, em seguida, transformam-se em clíticos e afixos, antes de desaparecerem completamente.

A citação acima, além de trazer informações acerca da origem da gramaticalização, também indica qual é o escopo desse processo de mudança linguística. Ou seja, quando se estuda gramaticalização, o objetivo é entender como as palavras mudam seu funcionamento

na língua, deixando de ser membros de categorias lexicais e passando a fazer parte de categorias gramaticais (categorias “vazias de conteúdo lexical”).

Gonçalves et al. (2007, p. 16) trazem outras informações acerca da gramaticalização:

A gramaticalização é considerada *paradigma* se observada num estudo da língua que se preocupe em focalizar a maneira como formas gramaticais e construções surgem e como são usadas. É considerada *processo* se se detiver na identificação e análise de itens que se tornam mais gramaticais. Pode, ainda, ser observada de duas perspectivas: *diacrônica*, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou *sincrônica*, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático. A combinação dessas duas perspectivas (*pancrônica*) também é uma possibilidade metodológica.

Lopes (2015) apresenta exemplos de processos de gramaticalização no seio da língua portuguesa. A autora descreve: a) como o verbo auxiliar *habere* passou a morfema flexional de futuro em português; b) como o substantivo *mente* passou a morfema derivacional formador de advérbios *-mente*; c) como substantivos se transformam em formas pronominais.

Em concordância com os estudos de Hopper e Traugott (1993), Vitral e Ramos (2015) destacam que a gramaticalização de um item linguístico percorre etapas que se organizam como um ciclo, que pode ser representado da seguinte forma:

(1) Item lexical > item gramatical > clítico > afixo

O que está descrito em (1) é denominado como “ciclo de gramaticalização”. Esse percurso de mudança linguística segue uma direção definida (da esquerda para a direita) e ele é marcado por um conjunto de etapas pelas quais uma palavra de categoria autônoma (item lexical) passa até que se fixe como outra palavra de categoria secundária (item gramatical). Se as etapas de mudança continuarem, esse item gramatical pode se tornar um clítico e, por fim, um afixo. Como o processo é direcional, subentende-se que um item gramaticalizado não sofre um processo de desgramaticalização. É por meio desse processo de mudança que as palavras adquirem novas propriedades sintáticas, morfológicas e fonéticas:

Nos processos de gramaticalização, afirma-se que as alterações da natureza dos itens incidem sobre *três aspectos gramaticais*, que tornam os fenômenos de gramaticalização distintos ou, ontologicamente, identificáveis. Assim, quando um item se gramaticaliza, sofre alterações sintáticas, muda de classe de palavra; semânticas: “esvazia-se” semanticamente ou “perde conteúdo”; e morfofonéticas: ocorre “redução” ou “diminuição” de sílabas, sons e/ou acento.

Como já dissemos, as mudanças são reguladas e identificadas por etapas num *continuum*. Elas se dão do âmbito lexical para o gramatical; e do gramatical para o mais gramatical. Levando isso em conta, a gramaticalização pode ser definida como abaixo:

Numa formulação de caráter mais restrito, a gramaticalização poderia, então, ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, e se tornam elementos gramaticais e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda, apresentando-se mais previsíveis no que diz respeito a seu uso.

(GONÇALVES et al., 2007, p. 22).

Vitral e Ramos (2015, p. 14) apontam dois eixos que guiam os estudos sobre gramaticalização:

Nos últimos anos, a retomada dos estudos acerca da gramaticalização tem sido desenvolvida a partir de dois eixos principais. Um deles, estritamente ligado às ideias originais de Humboldt, enfatiza o papel da evolução das categorias da língua, destacando processos diacrônicos que, no âmbito da oração, reanalisam itens lexicais, transformando-os em itens gramaticais.

O outro eixo põe em destaque a interação entre sintaxe e discurso. Nesta perspectiva, os padrões sintáticos resultam do próprio uso e, por isso, o componente gramatical de qualquer língua não seria autônomo. Em outras palavras, as exigências comunicativas, geradas no contexto do discurso, determinariam as regularidades observadas no nível da oração.

Enquanto o primeiro eixo tem a ver com a mudança operada a partir de processos diacrônicos o segundo trata do surgimento e da consolidação de novos esquemas sintáticos decorrentes do discurso, do uso. Esse é um aspecto que tem por base uma perspectiva sincrônica que vê as mudanças linguísticas como respostas a motivações de caráter discursivo-pragmático. Seguindo essas motivações, as mudanças linguísticas percorrem um caminho fixo que se inicia no discurso e desemboca na sintaxe. Os novos itens linguísticos se fixam durante o uso, de forma constante e regular. Segundo essa abordagem de cunho mais funcionalista, a gramaticalização de qualquer elemento linguístico tem início quando o falante procura atender as suas emergências comunicativas por meio da criação de novas palavras ou expressões. É esse caminho que o ciclo funcional de Givón (1979) procura descrever:

(2) Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero

Para o que foi dito acima, destaco a afirmação de Lopes (2015, p. 199):

A origem do processo teria, pois uma motivação pragmático-discursiva, por isso, alguns autores postulam estágios ou etapas da gramaticalização como o ciclo funcional de Givón (1979). O esquema do autor busca representar os processos de regularização do uso da língua em termos diacrônicos: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero. Em princípio, itens lexicais/construções começam a ser utilizadas casualmente no discurso e, embora possam ter determinada função gramatical, seu uso não é sistemático e fixo. Por conta da sua repetição, tal forma ou construção torna-se mais regular com determinada estruturação sintático-morfológica. O item/construção se cristaliza morfológicamente perdendo paulatinamente sua variabilidade sintagmática: sua ordem torna-se mais rígida, não podendo, por exemplo, sofrer inversão ou intercalação de elementos (morfologia). Por conta da frequência de uso pode ainda sofrer algum tipo de alteração fonológica (erosão) e desaparecer. Caso atinja ao zero, outro item ou construção é recrutado para substituí-lo formal e funcionalmente, recomeçando o ciclo funcional.

O ciclo funcional de Givón retrata um percurso de mudanças linguísticas que se iniciam no discurso e terminam na morfossintaxe. A gramaticalização é, portanto, determinada por exigências nas situações comunicativas em que o usuário realoca os elementos linguísticos para formar grupos ou expressões sintáticas. É dessa forma que se promove a regularidade gramatical das palavras ou das expressões no âmbito oracional.

A abordagem funcionalista da gramaticalização condiz com a definição dada por Bagno (2011, p. 170): gramaticalização é a “produção de novos recursos gramaticais a partir de (re)processamentos cognitivos, por parte dos falantes, impostos aos recursos gramaticais já existentes”. Tal abordagem também encontra respaldo nas palavras de Castilho (1997, p. 32), para quem “a gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação, etc.”. Para reforçar essas definições, trago Gonçalves et al (2007, p. 17), cuja ideia é a de que a gramaticalização tem a ver com “as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial”. Em resumo: as mudanças linguísticas resultantes de um processo de gramaticalização encontram justificativa em aspectos objetivos e práticos determinados pelo discurso.

Como destacam Bagno (2011) e Castilho (1997), a gramaticalização tem relação direta com o aspecto cognitivo. Um exemplo dessa relação tem a ver com as associações ou as mediações inferenciais que se dão por meio do uso da metáfora e da metonímia. A metáfora e a metonímia são mecanismos cuja função é reprocessar velhos parâmetros estruturais para criar novos padrões semânticos. Em outras palavras, por meio de sua capacidade cognitiva, o

falante reestrutura e resignifica as palavras ou as expressões, dando-lhes novos formatos e novas significações. Tal fato decorre da necessidade de uma maior compreensão ou um melhor entendimento das abstrações conferidas aos objetos concretos. Desse modo, a metáfora e a metonímia são consideradas recursos cognitivos que estão na base das mudanças que resultam na gramaticalização das unidades linguísticas.

Como será importante para o entendimento da mudança linguística que resultou na forma *todo mundo*, na próxima seção descreverei as características da metonímia.

2.2. Da metonímia

2.2.1. O que é metonímia?

Nas gramáticas normativas, a metonímia é descrita nos capítulos destinados ao estudo das figuras de linguagem ou das figuras de estilo. Esse estudo faz parte de uma área da Linguística denominada Estilística, que tem como uma de suas preocupações a análise da língua em sua função expressiva. Segundo os compêndios gramaticais, as figuras de linguagem são usadas para conferir ao discurso maior expressividade. São recursos largamente usados nas composições de caráter literário. Elas estão classificadas de acordo com a função que exercem nos contextos linguísticos em três tipos: figuras de palavras ou tropos, figuras de construção ou de sintaxe e figuras de pensamento.

A metonímia está delimitada na categoria das figuras de palavras ou tropos e a sua finalidade precípua é tomar um termo para designar outro. As relações metonímicas não são oriundas do caráter sinonímico das palavras ou das expressões, mas de uma relação de proximidade entre os sentidos. É o que afirma Rocha Lima (2011, p. 603) acerca da metonímia: “[b]aseado numa relação de contiguidade, origina-se este tropo das ideias evocadas por outra com a qual apresentam certa interdependência”. Dizendo de outro modo, é emprego de um termo para evocar outro por eles manterem uma relação de proximidade de sentidos. Para exemplificar, Rocha Lima (2011, p. 603) apresenta o seguinte exemplo:

(3) Tomar uma garrafa de vinho.

Esse exemplo ilustra uma metonímia que toma o continente pelo conteúdo, uma vez que não se toma uma garrafa de vinho (o continente), mas o vinho que está nela (seu

conteúdo). Além dessa relação de continente pelo conteúdo, a metonímia pode se construir quanto se toma: o efeito pela causa, o autor pela obra, a parte pelo todo, o singular pelo plural, e a matéria pela obra. Darei destaque aqui para o continente pelo conteúdo, já que essa relação é importante para o entendimento da expressão *todo mundo*.

Pelo que consta nas gramáticas, o continente tem uma extensão maior na qual se inclui o conteúdo – de extensão menor. Como vimos acima, o uso metonímico se dá quando utilizamos o conteúdo para fazermos referência ao continente:

- (4) a. Eu vou comer uma *caixa* de bombons.
- b. Eu vou tomar um *copo* de água.
- c. Eu tomei dez *latinhas* de cerveja.

Nos exemplos acima, não consumimos a caixa, nem o copo nem as latinhas, mas o conteúdo que está dentro desses continentes, a saber, os bombons, a água e a cerveja.

Segundo Garcia (2003, p. 115), o continente pode ser uma localidade e o conteúdo um conjunto de pessoas:

O continente pode ser também lugar ou tempo, e o conteúdo, coisas, fatos ou pessoas: a *cidade* (=seus moradores) dormia; foi um *ano* triste (i.e., os fatos ocorridos durante o ano é que foram tristes); *todo o mundo* sabe disso (i.e., muitas pessoas que vivem no *mundo*, ou todas as pessoas).

Interessante que, no seu exemplo, Garcia usa a expressão *todo o mundo*, que, como vimos no capítulo anterior, é uma forma variante de *todo mundo*. Quando empregamos essa expressão, não nos referimos ao *mundo inteiro*, mas às pessoas ou a um grupo de pessoas que vivem no mundo. Nesse caso, o *mundo* representa o continente, ou seja, a extensão maior cujo conteúdo, *as pessoas*, é a extensão menor. Posso concluir que a expressão *todo (o) mundo* surge a partir de uma relação metonímica de continente pelo conteúdo. Com base nisso, na próxima subseção, tentarei entender como a relação metonímica é descrita segundo o quadro teórico da gramaticalização.

2.2.2. Metonímia e gramaticalização

Nos estudos sobre gramaticalização, a metonímia é tratada como um mecanismo cognitivo que é ativado por estímulos de caráter pragmático. Por meio da metonímia, o falante

pode efetuar reinterpretações conceituais baseadas no discurso. Gonçalves et al. (2007) resumem bem a metonímia no contexto da gramaticalização:

A metonímia, em gramaticalização, remete também a um tipo de inferência pragmática, uma “associação conceptual” fundamentada no mundo discursivo, ou uma transferência semântica licenciada por contiguidade. É uma espécie de permuta que decorre do uso de uma palavra em uma frase na qual uma idéia, de alguma maneira ligada ao significado da palavra em questão, é passível de formar um elemento do contexto.

(GONÇALVES, et al., 2007, p.47)

A alteração semântica resultante de um uso metonímico ocorre por meio de um raciocínio inferencial denominado como “abduativo”. Um raciocínio abduativo é uma forma por meio da qual se dá a reanálise dos elementos linguísticos. Castilho (1997) aponta o seguinte conceito de reanálise:

A reanálise é um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático. Essa mudança de percepção se deve a um tipo de raciocínio conhecido como *abdução*.

(CASTILHO, 1997, p.53).

Os processos metonímicos e os mecanismos de reanálise estão interligados por meio de uma relação caracterizada pela contiguidade dos objetos linguísticos. A abdução pode ser reconhecida como o suporte da percepção humana e, ao mesmo tempo, é o raciocínio que permite formular novas noções. Diante disso, a gramaticalização que ocorre no âmbito das diretrizes metonímicas determina novos valores semânticos em consequência do apagamento de outros. É o que Castilho classifica como “ressemantização”. A ressemantização por meio de um processo metonímico determina que um sentido primeiro seja substituído por outro sentido sem, contudo, guardar alguma relação com o sentido original ou remeter a ele. Nas palavras de Castilho (1997, p. 49): “na metonímia a palavra é ressemantizada, e o sentido B não guarda relações com o sentido A, ocorrendo uma perda radical de propriedades intensionais”. É o que ocorre com a expressão *todo (o) mundo*. Por meio de um processo de reanálise, induzido por uma nova percepção, o falante utiliza a expressão *todo (o) mundo* para exprimir uma quantidade indefinida de seres humanos. O valor primeiro de *todo (o) mundo* é ressignificado e essa expressão surge com um novo tipo de categoria gramatical. Consequentemente, ela sofre alterações morfossintáticas e semânticas e perde suas propriedades intensionais.

Os processos de gramaticalização ligados aos aspectos metonímicos também produzem mudanças estruturais de termos ou de expressões linguísticas. É o caráter referencial da metonímia. A metonímia “é a mudança de sentido desencadeada por itens associados sintaticamente; trata-se, basicamente, de um processo estrutural” (CASTILHO, 1997, p. 49). De acordo com o que afirma o autor, a metonímia é um processo de contiguidade em que a estrutura de palavras e de expressões são remodeladas. Traugott & König (1991, *apud* Gonçalves et. al. 2007, p. 47) apresentam três contiguidades presentes nos processos metonímicos:

- (i) a “contiguidade na experiência sociofísica ou cultural”, como a associação de comportamento com uma pessoa ou classe de pessoa;
- (ii) a “contiguidade na expressão”, que, muitas vezes, resulta em elipse, como por exemplo, “*um quadro pintado por Picasso*” > “*um Picasso*” e o francês “*ne...pas*” > “*pas*”;
- (iii) “a sinédoque ou contigüidade na relação parte pelo todo”.

De acordo com o que foi dito nesta seção, podemos dizer que a expressão *todo mundo* resulta de um processo metonímico de emprego do continente (mundo) pelo conteúdo (as pessoas que vivem no mundo) e que, em sua formação, a contiguidade dos termos na expressão original *todo o mundo* permitiu a elipse do artigo definido e no surgimento da expressão *todo mundo*.

Conclusões preliminares

Vimos, neste capítulo, que a gramaticalização é um processo de mudança linguística unidirecional no qual as unidades linguísticas passam do domínio lexical para o domínio gramatical. Além disso, nesse processo, as unidades linguísticas sofrem alterações em vários níveis: fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Também vimos que a metonímia pode contribuir para a gramaticalização ao permitir que o falante reinterprete palavras ou expressões por meio de associações. No caso da expressão *todo mundo*, foi empregada uma metonímia, na qual o continente (o mundo) foi usado pelo conteúdo (as pessoas). Além disso, a contiguidade dos termos na expressão original *todo o mundo* possibilitou o apagamento do artigo definido. e no surgimento da expressão *todo mundo*.

CAPÍTULO 3

Metodologia de coleta de dados

Introdução

Após fundamentar teoricamente o trabalho, neste terceiro, apresentarei os procedimentos da coleta e de organização do *corpus* de ocorrências da expressão *todo mundo*. Para caracterizar adequadamente o percurso metodológico do trabalho, o capítulo encontra-se dividido em quatro seções: na primeira, apresento os aspectos gerais que nortearam a busca dos dados para esta pesquisa; na segunda seção e na terceira seções, descrevo as ocorrências da expressão *todo mundo* nas amostras de língua escrita informal e de língua escrita formal, respectivamente; na quarta seção, apresento a quantidade total de dados que servirão de base para esta pesquisa.

3.1 A coleta dos dados

O falante do português brasileiro usa rotineiramente a expressão *todo mundo* e ela recebe uma interpretação quantificacional (como vimos no Capítulo 1). Como esta pesquisa se volta a estudar a expressão *todo mundo*, o primeiro passo era buscar dados que mostrassem como os falantes de português brasileiro usam essa expressão. Já sabemos que o uso da língua não se restringe apenas ao mundo social das interações face a face nem ao mundo da escrita, estando presente também no mundo virtual das interações mediadas pelos recursos da internet. Sendo assim, resolvi analisar dados linguísticos colhidos em três fontes da internet: da rede social *Facebook*, do site de reclamações *Reclame Aqui* e do Portal de Notícias *Metrópoles*. O meu objetivo é analisar a sintaxe e a semântica da expressão *todo mundo* nesses dados. Não descartei as ocorrências de *todo o mundo*, já que ela serve como parâmetro para algumas comparações semânticas com *todo mundo*.

A seleção foi realizada duas vezes. Fiz uma primeira coleta exploratória em dezembro de 2017 e reuni um quantitativo total de 60 dados de uso da expressão *todo mundo*, sendo 20 dados para cada uma das três fontes de dados. Fiz uma segunda coleta de dados em março de 2018 para substituir dados repetidos e acrescentar dados com a expressão *todo o mundo*. Nessa nova coleta aumentei para 39 o número de dados para cada uma das fontes de dados e, como isso, o número total de dados passou de 60 para 117 dados com a expressão *todo mundo*.

3.2 Ocorrências de *todo mundo* na escrita informal

É do conhecimento de todos que os internautas fazem uso da modalidade escrita para poder se expressar nos sites e nas redes sociais. Por isso, para atender aos objetivos da minha pesquisa e determinar algumas características da expressão *todo mundo*, escolhi dois contextos em que os falantes usam a língua escrita de forma mais informal e, portanto, muito próxima da modalidade oral: o grupo de Letras do *Facebook* e o site *Reclame Aqui*. Dadas as características da língua escrita empregada nesses dois espaços de interação na internet, defini a língua usada pelos membros do grupo de Letras do *Facebook* como [+ INFORMAL] e a língua usada nas reclamações presentes no site *Reclame Aqui* como [- FORMAL], ou seja, um misto entre formal e informal.

O grupo de Letras do *Facebook* é formado, preferencialmente, por estudantes ou ex-estudantes do curso de Letras (nas suas mais diversas habilitações) da Universidade de Brasília. Além dos estudantes, fazem parte desse grupo, funcionários dos departamentos que compõem o Instituto de Letras e professores que atuam no curso de Letras. Analisei a língua escrita desse ambiente de interação como [+INFORMAL] porque, em suas postagens ou nos comentários, os membros desse grupo usam a língua de forma espontânea, sem grandes preocupações em seguir, sempre e forma rígida, as prescrições gramaticais. Isso dá à língua escrita usada no grupo de Letras do *Facebook* um tom mais informal, aproximando a escrita da língua oral usada no dia a dia.

O site *Reclame Aqui* recebe textos cujo propósito comunicativo é reclamar sobre problemas em produtos e a qualidade do atendimento e de serviços prestados ao consumidor. Tratei a língua escrita do site *Reclame Aqui* como [+/-FORMAL] (o que também pode ser [+/-INFORMAL]) devido ao fato de as reclamações dos consumidores são construídas por meio de textos que, embora guardem uma correspondência com a norma culta, há uma estreita relação

com a oralidade. Por isso, preferi caracterizar a língua escrita desse site como um meio caminho entre formalidade e informalidade.

Nos dois casos, para a coleta dos dados, utilizei a barra de pesquisas para localizar as ocorrências de *todo mundo*. Os dados foram selecionados na sequência em que foram dispostos como resultado da pesquisa. Acessei o conteúdo de cada texto para retirar um trecho inteligível em que constava o dado pesquisado, qual seja, a expressão *todo mundo*.

Também considerei importante trazer a expressão *todo o mundo* para a minha pesquisa, no entanto essa expressão não é muito produtiva, pois, no *Facebook*, localizei apenas uma ocorrência, e, no site *Reclame Aqui*, não encontrei nenhuma.

3.3 Ocorrências de *todo mundo* na escrita formal

No modalidade escrita que aqui é definida como [+FORMAL], selecionei o portal de notícias *Metrópoles*. Ele foi assim definido por ser um site que vincula notícias que se pautam pela variedade padrão da língua escrita.

Utilizei a barra de pesquisa para localizar a expressão *todo mundo* entre as notícias. Parti da sequência que resultou da pesquisa e os dados com *todo mundo* são oriundos dos títulos das reportagens e das reportagens em si. Nesse último caso, algumas ocorrências de *todo mundo* apareceram no interior de citações que os jornalistas transcreveram nas suas notícias e foram transcritas da mesma forma que os entrevistados as proferiram. Também coletei ocorrências da expressão *todo o mundo*, que vieram juntamente com a minha pesquisa de *todo mundo*. Elas constam na pesquisa para estabelecer um parâmetro comparativo com *todo mundo*.

Desse modo, no ambiente da modalidade escrita [+FORMAL], as ocorrências de frases que contenham a expressão *todo mundo* são oriundas de: títulos das reportagens, reportagens em si e citações que os jornalistas transcrevem da fala de entrevistados.

3.4 Distribuição quantitativa dos dados

No Quadro 1 abaixo resumo os resultados quantitativos da coleta de dados empreendida nas três fontes pesquisadas:

Quadro1: Distribuição quantitativa dos dados

DADOS COLETADOS NAS TRÊS FONTES					
Ocorrências de <i>todo mundo</i>			Ocorrências de <i>todo o mundo</i>		
<i>Facebook</i>	<i>Reclame Aqui</i>	<i>Metrópolis</i>	<i>Facebook</i>	<i>Reclame Aqui</i>	<i>Metrópolis</i>
38	39	33	1	0	6

Fonte: Elaboração do autor

O Quadro 1 contém as ocorrências de *todo mundo* e de *todo o mundo* e, como se vê, *todo mundo* é, de fato, a forma mais recorrente. A forma *todo o mundo* apareceu apenas 1 vez nos dados do *Facebook*, contexto de escrita [+INFORMAL], e apareceu 6 vezes no jornal *Metrópolis*, contexto de escrita [+FORMAL]. Os dados do site *Reclame Aqui* não apresentaram essa expressão, o que pode sugerir que, nesse aspecto, *Reclame Aqui* é mais próximo do *Facebook* do que o jornal *Metrópolis*.

Como disse anteriormente, a pesquisa resultou em 117 dados. É justamente com base nesses dados que realizarei a análise do próximo capítulo.

Conclusões preliminares

Neste capítulo, apresentei a metodologia que serviu de base à coleta dos dados dessa investigação. O objeto de estudo da pesquisa é a expressão *todo mundo*, a qual será analisada à luz de três contextos de língua escrita que variam do [+INFORMAL] ao [+FORMAL]. Os dados de língua escrita provêm de três fontes: postagens no grupo Letras da rede social *Facebook*, reclamações de consumidores apresentadas ao site *Reclame Aqui* e notícias veiculadas no site *Metrópolis*. Compõe o corpus dessa pesquisa um conjunto de 117 dados com a expressão *todo mundo*.

CAPÍTULO 4

Análise morfossintática e semântica de *todo mundo*

Introdução

Neste capítulo, apresentarei as análises realizadas no corpus que foi coletado acerca das ocorrências da expressão *todo mundo*. Essas análises ocorrerão no âmbito morfológico, sintático e semântico. Terei como base teórica *A nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra (2008), *Semântica Formal*, de Roberta Pires de Oliveira (2001). Assim como outros textos acerca de estudos da semântica e de pesquisas no campo das mudanças linguísticas na história.

Dividirei este capítulo em três seções, a saber: na primeira, apontarei em que consistem os aspectos morfológicos de *todo mundo*. No segundo, realizarei as análises sintáticas de *todo mundo* nos contextos oracionais. Por último, na terceira seção, mostrarei como *todo mundo* funciona semanticamente. Em razão disso, incluirei duas subseções nesta terceira seção.

4.1. Relações Morfológicas de *Todo mundo*

As palavras *Todo* e *Mundo* podem ser analisadas segundo suas classes morfológicas. É o que consta nos estudos desenvolvidos pelos dicionários da língua portuguesa. Numa relação sintagmática, *todo* pode ter a função morfológica de substantivo, adjetivo, advérbio ou pronome indefinido. Por sua vez, *mundo* pode ser identificado como substantivo e adjetivo. *Todo* pode variar em gênero e número: *todo/toda/todos/todas*. Já *mundo* apresenta apenas o gênero masculino, porém pode variar em número: *mundo/mundos*. Não há registros de *munda/mundas*. *Todo mundo* carrega o traço de caráter indefinido representado pelo pronome. No entanto, não possui traços de flexão, a não ser que viesse acompanhado do artigo.

Como já descrevi no primeiro capítulo desta pesquisa, a expressão *todo mundo* faz parte das expressões produtivas do português brasileiro. E o falante a usa para quantificar objetos de propriedades humanas de modo indefinido. Tanto de um grupo restrito, assim como de um grupo numa acepção de generalidade. No entanto, é uma expressão que não possui a capacidade de estabelecer flexão de gênero e nem de número. Possui um caráter fixo e devido a sua natureza quantificadora pode identificar indivíduos tanto do gênero masculino como do gênero feminino. Desse modo, *todo mundo* não pode ser empregado da seguinte forma:

- 1) *Todos mundos

No que está descrito em (1), a ausência do artigo não permite estabelecer uma flexão de número no plural, assim como de definir um gênero. De todo modo, também não é possível alterar a ordem de seus componentes, pois sem a presença do artigo não é possível fornecer um sentido:

- 2) *Todas mundos/*Todas mundas/*Mundo todo

Ao contrário do que ocorre com a expressão *todo o mundo* que pode receber uma flexão de número graças ao artigo:

- 3) Todos os mundos/ O mundo todo

No entanto, como descrito em (3), não há espaço para uma flexão do gênero do tipo feminino. Já *todo mundo* nem permite o de caráter masculino, e nem o de natureza feminina.

Essas características inerentes à expressão *todo mundo* se estende as construções sintagmáticas, tais como:

- 4) [Todo mundo com que eu falo] diz essa história toda sobre atentado e todos aqueles textos assustadores do blog são apenas piadas de mau gosto, que nada vai acontecer e que tudo ontem foi uma piada de sexta-feira 13. O que o pessoal do curso ta achando? (Grifo meu).

- 5) Agora [todo mundo] pode ser coxinha: Reserva lança coleção para a C&A. (Grifo meu).
- 6) ...como eu e meu esposo como [todo mundo] precisa trabalhar para ter o que comer!! (Grifo meu).

Como é possível perceber, *todo mundo* detém uma inflexível, pois não corresponde a um gênero definido, assim como não apresenta flexão de número. Além disso, não corresponde a uma classe de palavra, como adjetivo, advérbio ou pronome indefinido.

Em razão de sua natureza morfológica, e também para estabelecer uma unidade didática acerca das análises de *todo mundo*, definirei *todo mundo* como um *sintagma indefinido*. Tal conceito coincide, também, com a sua natureza sintática e semântica. Sendo assim, no transcorrer das análises deste capítulo, terei como referencia este conceito. Em seguida, analisarei *todo mundo* conforme as funções que ela pode desempenhar nos contextos sintagmáticos.

4.2. Relações Sintáticas de *Todo mundo*

O sintagma indefinido *todo mundo* pode exercer diversas funções no âmbito oracional. Tais como sujeito, adjunto adnominal, objeto direto e indireto, predicativo, adjunto adverbial e adjunto adnominal. Do mesmo modo em que há contextos em que *todo mundo* não exerce nenhuma função sintática. Consoante ao que analisei nas ocorrências do corpus que pesquisei, não identifiquei outras funções sintáticas de *todo mundo*. No entanto, constatei que ele pode vir no interior de sintagmas nominais sem ser nuclear. Não apenas isso, mas também o localizei no interior dos complementos verbais. Entretanto, há diversas ocorrências em que ele aparece de forma independente de modo nuclear.

Achei por bem não definir tópicos específicos de análises das orações subordinadas dado que não é este o objetivo da minha pesquisa. Desse modo, me atentarei em apresentar como *todo mundo* aparece nas suas relações funcionais sem aderir às terminologias definidas pelas análises de períodos compostos em que ocorrências da palavra “que” que pode desempenhar diversas funções sintáticas.

a) Sujeito

7) [Todo mundo] é o ghandi nessa porra agora. (Grifo meu).

8) [Todo mundo] curte e ouve funk. (Grifo meu).

Em (7) e (8), *todo mundo* tem por função a de sujeito simples, respectivamente, dos verbos “é” e “curte e ouve”, uma vez que comporta apenas um núcleo. É o que destaca Cunha e Cintra (2008):

“Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o SUJEITO é SIMPLES.” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 140).

Desse modo, posso classificar *todo mundo* como um sujeito simples. Consoante ao que trata a gramática normativa é um termo nominal que costuma exercer a função de sujeito. Ele pode vir acompanhado de seus determinantes ou termos subordinados. *Todo mundo* é o núcleo do seu próprio sintagma e não recebe qualquer outro tipo de determinante. A ele compete seguir como sintagma indefinido cujo papel é quantificar numa contagem imprecisa. Essa é a sua função delimitadora acerca dos termos que a ele vierem associados.

É o termo núcleo de um sintagma nominal quem determina a relação de concordância entre o verbo e o sujeito. Falando de outro modo, é o núcleo do sujeito quem define se o verbo permanece no singular ou no plural. *Todo mundo* é um termo nuclear em que os verbos se restringem a terceira pessoa do singular. Tal como está descrito na análise dos dados em (7) e (8). Não há variação de número além das que apresentei, já que *todo mundo* é um termo não flexional. Desse modo não é possível estabelecer relações de concordância com verbos da segunda ou da terceira pessoa do plural. Se assim fosse, nasceriam construções não adotadas pelo falante do português brasileiro. Tais como posso descrever na reescrita das sentenças (7) e (8), respectivamente:

9) Todo mundo *[somos] os ghandi nessa porra agora. (Grifo meu).

10) Todo mundo *[são] os ghandi nessa porra agora. (Grifo meu).

11) Todo mundo *[curtimos] e ouvimos funk. (Grifo meu).

12) Todo mundo* [curtiam] e *[ouviam] funk. (Grifo meu).

O que está descrito nos itens de reescrita listados nas orações (9), (10), (11) e (12) são construções em que *todo mundo* exerce o seu poder inflexível, pois não permite a sua mudança de forma. E não aceita o emprego de determinantes sem alterar sua constituição peculiar o que representaria, também, em mudanças de caráter semântico.

b) Adjunto Adnominal

- 13) [O cartão [de todo mundo]] passou normal hj? O meu tá passando.
(Grifo meu).
- 14) POIS TODOS MEUS FAMILIARES QUE TIVEREM CONTA NA CAIXA [VOU FAZER A CABEÇA [DE TODO MUNDO]] PARA SAIR DA CAIXA. (Grifo meu).

Nos contextos oracionais dos itens (13) e (14), *todo mundo* vem acompanhado de preposição e exerce a função de adjunto adnominal dos substantivos “cartão” e “cabeça”. Cunha e Cintra (2008) afirmam que o “ADJUNTO ADONIMAL é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.” (CUNHA & CINTRA, 2008, p.164). Sendo assim, o adjunto adnominal tem o papel precípua de demarcar o significado de um substantivo ou termo substantivado.

c) Objeto Direto

- 15) “Meu pai **comeu** [todo mundo]”, dispara Zé Felipe sobre Leonardo.
(Grifo meu).
- 16) Falta cinema de rua em Brasília e isso **prejudica** [todo mundo]. (Grifo meu).

O objeto direto é descrito pela gramática como um complemento verbal que não vem regido por preposição: “é um complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual

se dirige a ação verbal. Pode ser representado por: substantivo.” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 154). É essa também outra função sintática comum a um substantivo. Nas ocorrências em (15) e (16), *todo mundo* é o complemento das formas verbais “comeu” e “prejudica”. A ação destes verbos transita para o sintagma *todo mundo* sem a exigência de uma preposição. Ele também possui um status de termo núcleo do objeto direto em (15) e (16).

d) Objeto Indireto

- 17) Já entrei em contato com o walmart, mas pelo o que estou vendo eles sempre **dão** a mesma resposta para [todo mundo] “daqui 5 dias úteis alguém irá entrar em contato com você. (Grifo meu).
- 18) **Faço** música para [todo mundo], mas sempre consulto o pessoal LGBT. (Grifos meu).

No âmbito das ocorrências em (17) e (18), os verbos “dão” e “faço” são bitransitivos, pois a sua ação transita para dois complementos. São verbos transitivos diretos e indiretos e seus complementos são os objetos diretos e indiretos. Em ambas as ocorrências, *todo mundo* está anteposto pela preposição “para” por exigência de seu complemento de caráter indireto. É o que ratifica a gramática de Cunha & Cintra ao afirmar que: “O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.” (CUNHA & CINTRA, 2008, p.150). É o que *todo mundo* representa nas sentenças que estão descritas acima. *Todo mundo* também funciona como termo núcleo de seus objetos indiretos.

e) Adjunto Adverbial

- 19) Chuva de estrelas cadentes **será vista** nesta madrugada [em todo mundo].¹ (Grifo meu).

¹ Nesta construção, *todo mundo* vem acompanhado de uma preposição, porém diferentemente de outros casos que são correntes com o uso de *todo o mundo* na acepção de *lugar*, neste contexto o artigo está ausente. E o uso da preposição garante o sentido de “o mundo inteiro” com a ausência do artigo medial.

- 20) Comprei o álbum da copa do mundo 2018 no dia 12/03 na pré-venda, pensando que o álbum **seria entregue** [antes de todo mundo] ou no mínimo no mesmo momento... (Grifo meu).

O adjunto adverbial vem associado a verbos, adjetivos e advérbios com o objetivo de dar a eles as mais diversas circunstâncias: “é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio.” (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 165.). O adjunto adverbial carrega em si a capacidade adverbial e que vem junto destes termos. Tal como está descrito no item (19), *todo mundo*, acompanhado de uma preposição, pertence ao sintagma que confere a locução verbal “será vista” uma circunstância de lugar. Na ocorrência em (20), *todo mundo* também está acompanhado de uma preposição e compõe o interior de um sintagma que confere a locução verbal “seria entregue” uma circunstância adverbial de tempo. Essa função adverbial indica um tempo ou lugar numa acepção de anterioridade que deveria ocorrer antes que ocorresse com outras pessoas.

f) **Predicativo do Sujeito**

- 21) Oi gente! Esse post é [pra todo mundo que fala francês], seja de letras ou não.] ² (Grifo meu).
- 22) Nas ruas, na arte ou nas redes, a onda agora é [todo mundo nudes.] (Grifo meu).

O predicativo é um termo que vem acompanhado por um verbo de ligação e confere ao substantivo ou termo substantivado propriedades de cunhos atributivas. É um termo que pode ser representado por um adjetivo, porém outras classes de palavras podem funcionar como predicativos. Em destaque no item (21), o predicativo, ligado pelo verbo “é”, refere-se ao sujeito “Esse post”. *Todo mundo* integra o predicativo e funciona como uma das propriedades que designam o aspecto do sujeito “Esse post”. É o que de igual modo ocorre no

² Nesta ocorrência, a construção do predicativo parece incomum ao que é determinado pelas normas sintáticas, já que o verbo “é” parece funcionar como verbo transitivo indireto por conta da preposição que acompanha o sintagma indefinido *todo mundo*.

item (22), em que *todo mundo* integra o predicativo como uma das propriedades definidoras do sujeito “a onda”. Funciona como um duplo atributo já que “nudes” qualifica *todo mundo* e tanto *todo mundo*, como *nudes* são atributos dados ao sujeito “Esse post”. Em ambas as ocorrências, *todo mundo* recebe propriedades adjetivas.

g) Sem função sintática

23) ...,MAS NA PAYPAL [TODO MUNDO] QUE PEDE DINHEIRO
DE VOLTA A PAYPAL PEGA BLOQUEIA MEU SALDO E
DEVOLVE PRA PESSOA. (Grifo meu)

Em (23), *todo mundo* não apresenta função sintática, pois aparece de forma solta nesta oração. Por isso, que não há uma análise acerca do termo núcleo *todo mundo* neste contexto oracional.

Consoante ao que foi analisado, *todo mundo* pode desempenhar diversas funções gramaticais dentro das relações sintagmáticas. Em todas elas percebe-se que é uma função restrita a itens nominais. Quando vem de forma autônoma, *todo mundo* funciona também como núcleo. Por outro lado, também pode associar-se a outros termos dentro de um sintagma nominal especificando-os. Na próxima seção, *todo mundo* será analisado sob o viés do seu papel semântico.

4.3. Relações Semânticas de *Todo mundo*

O sintagma indefinido *todo mundo* provém de uma relação sintagmática que não confere a ele nem o papel de sintagma nominal e nem o de sintagma pronominal. No entanto, ele carrega em sua estrutura uma acepção de contagem indefinida o que remete a natureza de pronome indefinido que carrega a palavra *todo*. E *mundo* pode ser substituído por *indivíduos* ou *pessoas*. E a junção destas duas palavras designa “entes” de natureza humana numa acepção quantificativa. Desse modo, o uso de *todo mundo* em contextos oracionais irá designar os indivíduos de uma determinada categoria numa contagem imprecisa. E esse termo pode ocupar posições fixas ao preencher predicados.

Consoante aos estudos formalistas da semântica, os predicados recebem em sua extensão o preenchimento com nomes, no entanto, também são preenchidos por termos quantificados. É o que destaca Roberta Pires com base nos estudos realizados por Frege:

Na construção de sua escrita conceitual (*Begriffsschrift*), Frege já notara não apenas que os predicados podiam ser preenchidos de dois modos bem distintos – ou pelo nome próprio ou por uma expressão quantificada –, como também que eram as expressões quantificadas que permitiam expressar a generalização. (OLIVEIRA, 2001, p. 167).

Um quantificador exerce uma dupla função ao ligar-se a predicados, pois além de ser objeto integrante de um predicado, ele tem a propriedade de concatenar integralmente um conjunto de seres que possuem as mesmas propriedades, i.e, atribuir acepção generalizadora.

O emprego de *todo mundo* ganha uma acepção quantificadora nos contextos em que é usado. Por isso que ela pode ser classificada como uma “expressão quantificada”, de acordo com que Pires resgata da citação que ela faz de Chierchia e McConnell-Ginet:

São as expressões quantificadas que introduzem na língua o poder para expressar generalizações, isto é, o poder para ir além da conversa sobre propriedades de indivíduos nomeados para dizer a quantidade de indivíduos num dado domínio tem uma dada propriedade (1996:91). (OLIVEIRA, 2001, p. 168).

Nas línguas naturais, no caso aqui o português brasileiro, a quantificação pode aparecer em contextos nominais, quando ocorre no âmbito de sintagmas nominais e aquelas de caráter verbal. Ela pode vir como sujeito, objeto direto e indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e predicativo, tal como está descrito a seguir:

- 24) Pessoal, [todo mundo] já conhece o Coletivo Aevum? (Grifo meu).
- 25) Jota Quest fez [todo mundo] dançar no Hípica Hall] com seu “Pancadélico”. (Grifo meu).

Nas ocorrências em (24) e (25), respectivamente, *todo mundo* ocupa a posição de sujeito e de objeto direto nestas relações sintagmáticas. Não há um número exato de quem “conhece” o “Coletivo Aevum” e quantas pessoas que “dançaram”, mas nos remete a um conjunto de indivíduos contados no total. É o princípio de generalidade expresso pelo uso de um termo

quantificador. Perceba que *todo mundo* pode vir isolado e compor seu próprio sintagma núcleo, mas que também pode compor sintagmas nominais, tais como a seguinte ocorrência:

- 26) Após uma trajetória de queda, que durou mais de uma década, [a fome em todo mundo] parece estar aumentando de novo, afetando atualmente 11% da população mundial, segundo o relatório. (Grifo meu).

É um sintagma que se refere ao conjunto humano, ou seja, indica um conjunto de indivíduos de modo indefinido num âmbito generalista; por outro lado, essa quantificação também se remete a um conjunto de pessoas numa contagem geral, porém dentro de um grupo específico. Desse modo, *todo mundo* pertence ao domínio dos “sintagmas quantificadores” e por isso, possui um campo de atuação restrito aos entes de propriedades humanas:

- 27) ...[todo mundo] sabe que esses contratos tem mais de 10 folhas, já para o cliente não ler mesmo, né? (Grifo meu).

- 28) [Todo mundo] sabe que propaganda enganosa fere os direitos do consumidor, haja vista que isso ludibria o consumidor. (Grifo meu).

Visto que as ocorrências do sintagma *todo mundo* dizem respeito à contagem de entes humanos, então ele carrega a ideia de “todos” ou “todas as pessoas”. Não há espaço para outros seres vivos como “cachorros” ou “gatos”, já que eles não lidam com contratos ou propagandas. Daqui já posso retirar qual é o campo de atuação de *todo mundo* como quantificador e que será descrito posteriormente na subseção.

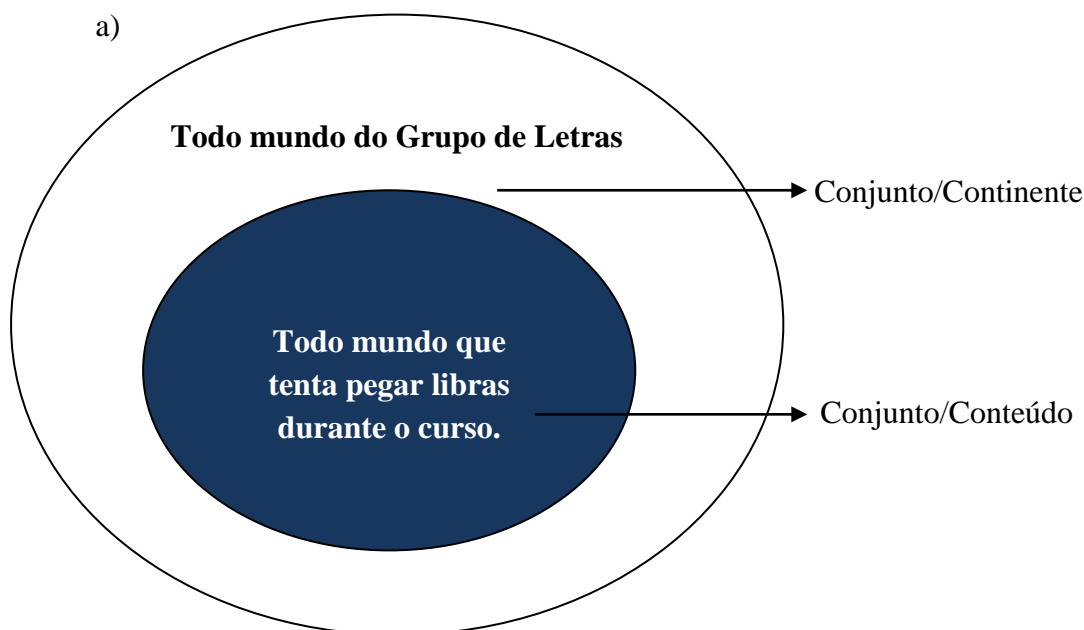
4.3.1. Caráter metonímico do Sintagma Indefinido *Todo mundo*

Retomando o que descrevi no capítulo 2 (dois) acerca do emprego da metonímia, o uso do sintagma indefinido *todo mundo* é determinado pela relação de continente pelo conteúdo. Nessa relação, o conteúdo pode ser representado por um conjunto de pessoas dentro de um contexto maior que é o continente. Em outras palavras, *todo mundo* não faz referencia a “todas as pessoas do mundo”, mas a um conjunto dentro de um conjunto

amplo de objetos. Desse modo, tendo por base a teoria de conjuntos, descreverei como se dá o processo metonímico dos usos de *todo mundo* no seu universo da quantificação.

Um quantificador pode ser classificado conforme o seu poder de atuação, ou seja, numa contagem existencial ou universal. Os quantificadores existenciais são descritos pelas expressões “alguém”, “algum”, “existe”, etc. Já o quantificador universal pode ser representado por “todo”, “qualquer que seja”, “para cada”, etc. Nas ocorrências do existencial para que ele seja de fato verdadeiro é necessário que ele se remeta a pelo menos um dos elementos de um conjunto. Não é o mesmo o que ocorre com o quantificador universal. O quantificador universal se refere a todos os elementos de um conjunto. É o que ocorre nas seguintes sentenças abaixo:

29) ...[todo mundo] tenta pegar libras durante o curso e fica em listas de espera de até 800 pessoas.



Em (29a), o diagrama descreve uma relação metonímica do continente pelo conteúdo, pois “Todo mundo que tenta pegar libras durante o curso” não reflete “todas as pessoas do grupo de letras”, mas ao conjunto/conteúdo de indivíduos que está contido no conjunto/continente “todo mundo do grupo de Letras”.

30) ...posso adicionar [todo mundo] de letras que conheço? (Grifo meu)

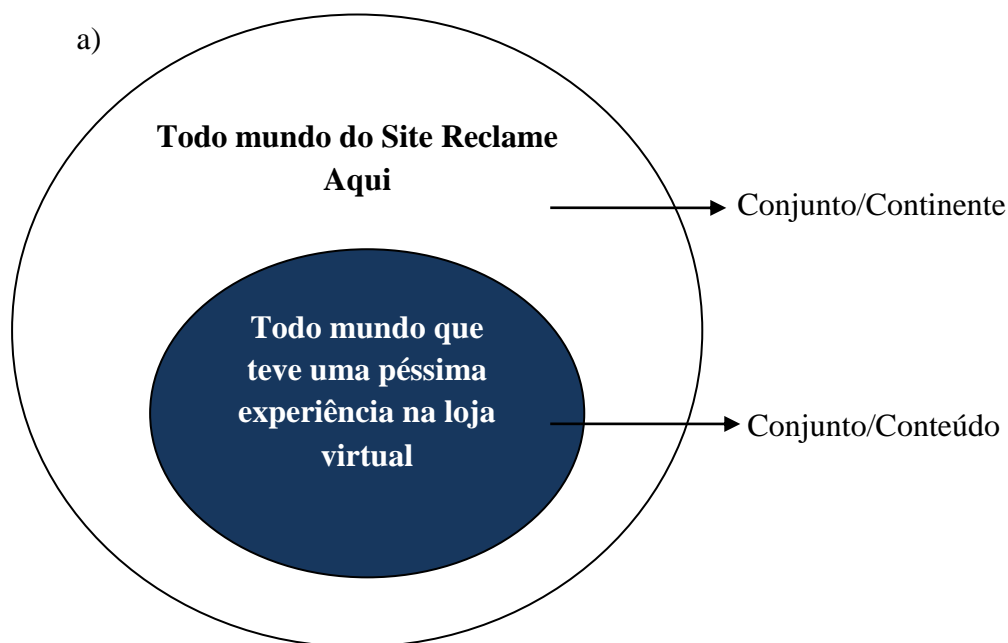


Por sua vez em (30b), o diagrama também descreve uma relação de continente pelo conteúdo, pois não se refere ao grupo inteiro de Letras. Ou seja, não indica que são “todas as pessoas” do grupo de Letras que alguém deseja adicionar, mas o conjunto daqueles que este alguém conhece.

Nas ocorrências em (29a e 30b), o emprego do sintagma indefinido *todo mundo* tem um valor semântico que indica quantidade. Já que se refere a um total de pessoas sem definir um número exato ou particular de indivíduos. E o caráter de *todo mundo* é o de quantificador universal, já que neste contexto não é possível dizer que “todos os alunos” pegaram a matéria de libras e que tenha alguém que não tenha conseguido. Assim como, não é possível dizer que alguém pretende adicionar “todas as pessoas” que ela conhece no grupo de Letras, se tem alguém que ela não conheça no grupo.

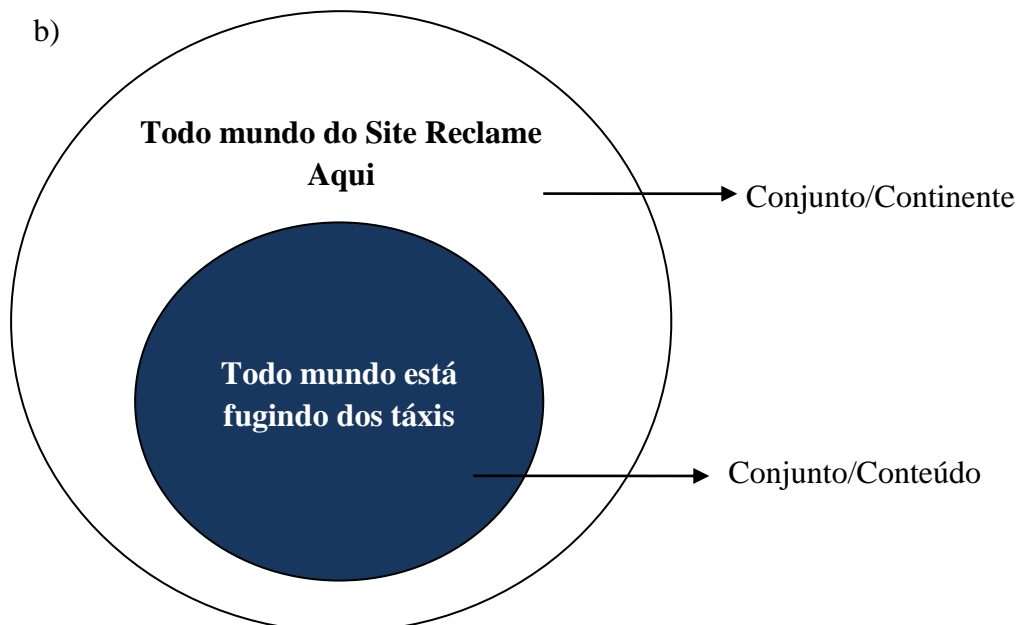
As propriedades que descrevi das análises que realizei anteriormente também ocorrem nos contextos que apresentarei em seguida:

31) Vou reclamar, vou divulgar para [todo mundo] que eu puder a péssima experiência na loja virtual. (Grifo meu).



Em (31a), há outro caso de relação metonímica de continente pelo conteúdo que é desempenhado pelo sintagma indefinido *todo mundo*. Não são todas as pessoas do site Reclame Aqui que tiveram uma péssima experiência na loja virtual, mas todas aquelas pessoas que usufruíram dos serviços desta loja e se sentiram lesadas. É incoerente dizer que “todas as pessoas tiveram uma péssima experiência na loja virtual”, se ao menos uma delas não passou pela mesma situação.

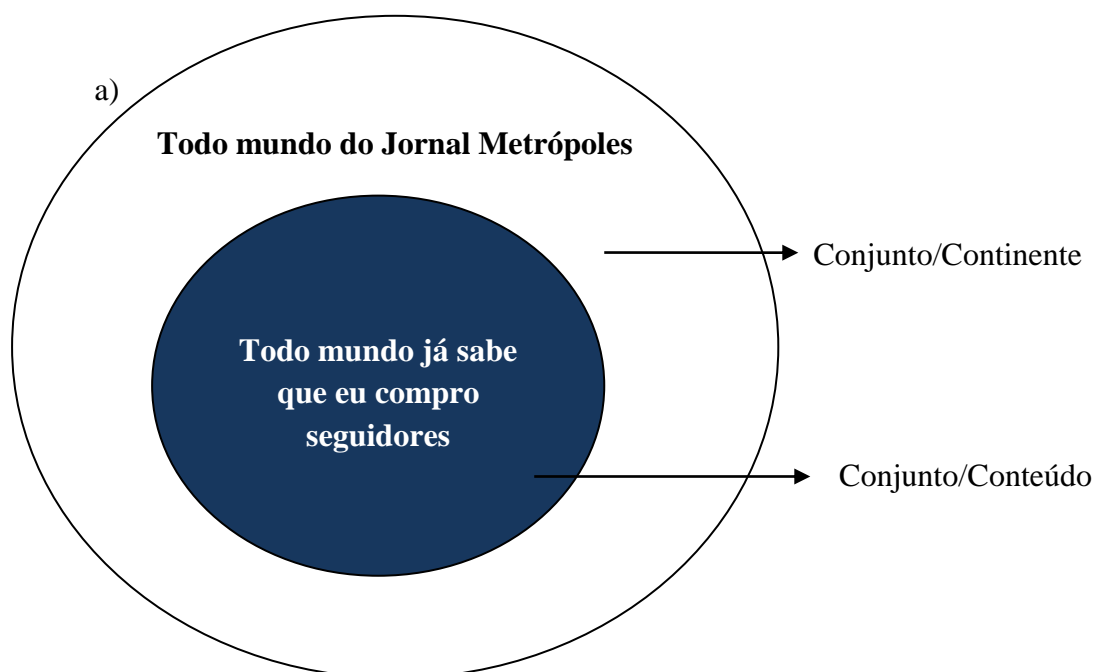
- 32) [Todo mundo] está fugindo dos táxis exatamente por essa imagem de sempre quererem levar vantagem em cima do cliente. (Grifo meu).



No diagrama que descreve a ocorrência em (32b), admite uma análise semelhante as que descrevi anteriormente acerca do emprego do sintagma indefinido *todo mundo*. Por meio de uma relação metonímica de continente pelo conteúdo, *todo mundo* identifica uma quantificação de caráter universal acerca de um grupo de pessoas.

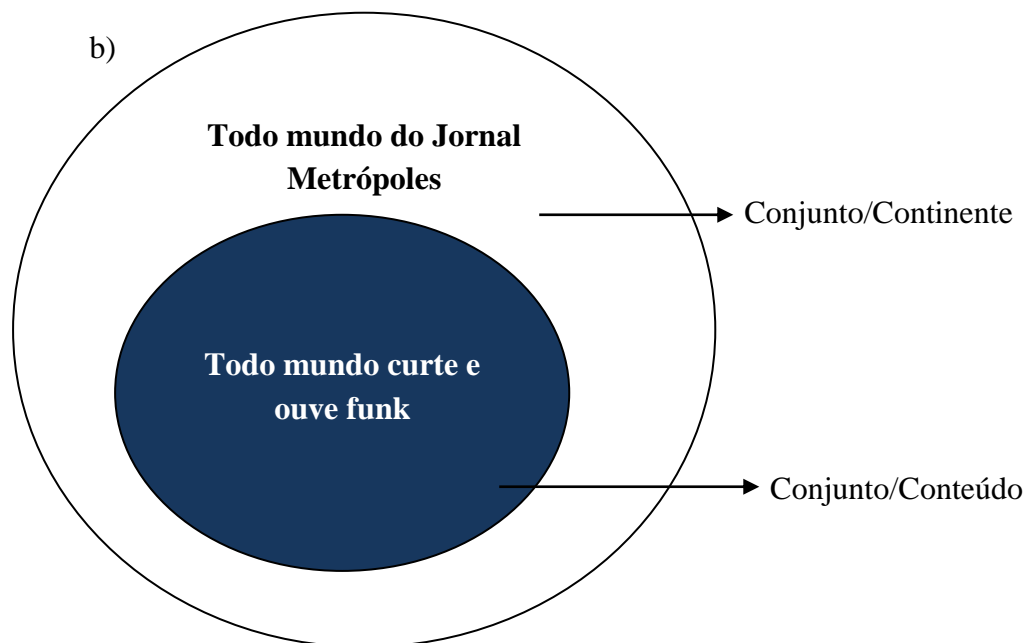
Tanto no Facebook, quanto no site Reclame Aqui o emprego de *todo mundo* está contido num conjunto que representa a totalidade de um conteúdo e que pertence ao continente representado pelo contexto em que está inserido. Essas ocorrências também podem ser analisadas em contextos da modalidade escrita, como do portal de notícias Metrôpoles.

33) [Todo mundo] já sabe que eu compro seguidores. (Grifo meu).



Na ocorrência dada pelo item (33a), não são todos os leitores do Jornal Metrôpoles que sabem que alguém compra seguidores, mas “todos aqueles” que tem conhecimento de tal fato. Por se tratar de um portal de notícias é de se esperar que “todos os leitores” do Metrôpoles tenham conhecimento desse tipo de notícias, porém nem “todos” leem tais conteúdos. Aparentemente, poderia inferir que há alguém que desconhece o fato descrito pelo dado fornecido cuja quantificação possui uma noção existencial, mas não é o que está contido nesta acepção. É o que ocorre também em outro contexto oracional retirado de Metrôpoles:

34) [Todo mundo] curte e ouve funk. (Grifo meu).



Nos contextos que apresentei anteriormente e que está representado pelos diagramas com base na teoria de conjuntos, o sintagma indefinido *todo mundo* funciona como um mecanismo usado para quantificar, i.e, representa definir quantidades. Ele representa um conteúdo humano e tem a noção de quantificador universal. Sua acepção é descrita pela relação metonímica de continente pelo conteúdo. Não importa quantos são os indivíduos, mas fica claro que nestas relações são sempre *todos* ou *todas as pessoas* que estão contidas no conteúdo de um conjunto/continente. Todavia, o conteúdo estará sempre contido no continente e indicará sempre a noção de universalidade. Esse é o campo de atuação semântica do sintagma indefinido *todo mundo*.

4.3.2. A ausência do artigo definido no Sintagma Indefinido *Todo mundo*

Pelo que já foi descrito até aqui, e de acordo com o que diz os estudos da gramaticalização, é possível perceber que *todo mundo* passou por um processo de *sintagmatização*, já que *todo* e *mundo* são palavras que não mais se separam nos usos do dia a dia. A ligação entre as palavras *todo* e *mundo* para formar o sintagma indefinido *todo mundo* é determinada por uma *coesão sintagmática*. Além disso, é um sintagma que não apresenta uma variação sintagmática, uma vez que é delimitado apenas pelas palavras *todo* e *mundo*. Entre

todo o mundo e *todo mundo* há uma diferença em sua composição por conta da ausência do artigo.

Diversos estudiosos da língua portuguesa defendem o uso da expressão *todo o mundo*, em detrimento da expressão *todo mundo*. Por considerarem que o uso escorreito é daquela expressão com a presença do artigo. No âmbito dos usos linguísticos o falante utiliza esta sem o artigo. A pesquisadora Fulgêncio levanta a hipótese de que a ausência do artigo é por conta de um fenômeno fonético que é denominado como *sândi*. Por outro lado, além de perceber que *todo mundo* passou por um processo de gramaticalização, levanto a hipótese de que o artigo passou por uma fusão que é descrita pelos compêndios linguísticos de *crase*.

Ao longo das mudanças linguísticas, desde o latim, que as expressões e as palavras sofreram diversas alterações em suas estruturas morfológicas, sintáticas e semânticas. É evidente que a origem de *todo mundo* mantém uma relação com *todo o mundo*. Porém, diferem quanto a sua estruturação e consequentemente nas suas relações sintáticas e semânticas. Na pronúncia do sintagma indefinido *todo mundo* notei um prolongamento da vogal “o” implícito na última sílaba final de *todo*:

35) Todo + o Ø mundo

Mesmo que em *todo mundo* o artigo não vem explícito nota-se ainda sua presença intercalado entre estas duas palavras, no entanto, suprimido.

A mudança estrutural de *todo o mundo* para *todo mundo* pode ser entendida por meio do que a literatura define como metaplasmo de supressão. Coutinho assim define metaplasmos: “são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução”. (COUTINHO, 1976, p. 142). Além de está associada à criatividade do falante, o artigo de *todo mundo* foi suprimido por meio do que denomina-se como *crase*:

é a fusão de dois sons vocálicos contíguos, exs.: *pee* (arc.) (<*pede*> > *pé*; *see* (arc.) (< *sede*> > *sé*, *avoo* (arc.) (< **aviolu*> > *avô*, *door* (arc.) (< *dolore*> > *dor*, *coor* (arc.) (< *colore*> > *cor*, *seer* (arc.) (< *sedere*> > *ser*, *leer* (arc.) (< **legére por legere*> > *ler*. Só há modernamente *crase*, em português, quando concorrem a preposição *a* e os demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*, *aqueles*, *aquelas*, ou a mencionada preposição e o artigo feminino *a*. É um recurso da língua para a eliminação do *hiato*. (COUTINHO, 1976, p. 148).

É o que ocorre entre as expressões *todo o mundo* > *todo mundo* em que as vogais estão suprimidas na última sílaba de *todo*, como descrevi em (1). É por isso que o artigo definido medial está ausente e recebe um prolongamento quando o sintagma *todo mundo* é usado:

- 36) [TODO + O Ø MUNDO] CUMPRIU E AGUARDO O QUE FOI PEDIDO. (Grifo meu).
- 37) Incrível [todo + o Ø mundo] já fez a matrícula e ta aqui aindaaaaa. Vão dormirrr...(Grifo meu).
- 38) Chuva de estrelas cadentes será vista nesta madrugada [em todo + o Ø mundo].

Desse modo, pela supressão da vogal “o” por meio do metaplasmo de supressão *crase* é que o artigo permanece de forma evidente sem está explícito no sintagma indefinido *todo mundo*.

Conclusões Preliminares

Em suma, devido a sua natureza morfológica, sintática e semântica a expressão *todo mundo* pode ser classificada como um *sintagma indefinido*. Ele tem um caráter fixo e não permite flexão de número e nem de gênero. Exerce diversas funções sintáticas, tais como sujeito, objeto direto e indireto, adjunto adnominal, predicativo e adjunto adverbial. E a concordância verbal se dá apenas na terceira pessoa do singular. Seu papel semântico é um mecanismo de quantificação universal tendo por referente o humano e esta relação quantificadora ocorre por meio do uso metonímico denominado de continente pelo conteúdo. A ausência do artigo pode ser explicada por meio da crase que ocorreu entre a vogal medial mais a vogal da última sílaba da palavra *todo*. É por isso que fica evidente o prolongamento do artigo entre as palavras *todo* e *mundo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vocábulos *todo* e *mundo* constituem a base formadora das expressões *todo o mundo* e *todo mundo*. Há inúmeras ponderações entre os estudiosos da língua portuguesa acerca do uso destas expressões. Muitos deles apontam que tanto *todo o mundo*, como *todo mundo* possuem o mesmo sentido, porém dão preferência ao uso daquela que é acompanhada pelo o artigo. Porém, no dia a dia do falante do português brasileiro a expressão *todo o mundo* é comumente usada na acepção de “o mundo inteiro”. E não no sentido de “todas as pessoas” como é apregoado pelos usos do português da variante europeia. Por conta disso, a expressão *todo mundo*, é vista como uma variante de caráter informal e que o seu uso é a disseminação de outro “erro” linguístico já que está em desacordo com as normas gramaticais. Ao contrário dos muitos apontamentos em torno de qual uso é o correto, a expressão *todo mundo* está prevista na gramática do falante do português brasileiro, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita.

Em concordância com as pesquisas e os estudos no campo da gramaticalização, é possível discutir as mudanças que ocorrem na estrutura das palavras e das expressões e, conseqüentemente, na alteração de sentido destas palavras e expressões nos contextos oracionais. É o que possibilita a criação de outras formas linguísticas e que podem ser associadas aos âmbitos discursivos, morfológicos, fonéticos e sintáticos. O estudo dado pelas teorias funcionalistas tendo como parâmetro o raciocínio inferencial explica a construção e a função semântica acerca do emprego de palavras e expressões. Com efeito, a expressão *todo mundo* pode ser analisada segundo as teorias da gramaticalização já que ela é uma expressão que se sofreu transformações morfológicas, sintáticas e semânticas e conseqüentemente, torna-se um termo gramatical. O valor semântico da expressão *todo mundo* se dá por meio de uma relação metonímica de continente pelo conteúdo.

Dos 117 (cento e dezessete) dados coletados acerca da expressão *todo mundo* é possível perceber que os dados da escrita usados nos ambientes virtuais se aproximam daqueles da oralidade. São fatos linguísticos que coincidem com o uso corriqueiro da expressão *todo mundo*, tanto no meio físico, como no meio virtual.

Devido a sua natureza morfológica, sintática e semântica a expressão *todo mundo* foi definida como um *sintagma indefinido*. Já que ganha uma acepção quantificadora universal sem definir um número exato de indivíduos. É também um sintagma que possui um

caráter não flexional. Pode desempenhar diversas funções sintáticas no interior das orações e se restringe numa concordância verbal na terceira pessoal do singular. Seu referente contedista é o humano que decorre de uma relação metonímica dada do continente pelo conteúdo. A hipótese levantada de que o artigo sofreu um processo de crase se dá por conta do prolongamento do artigo medial mais o artigo da última sílaba da palavra *todo*. É o que explicaria a ausência do artigo medial entre as palavras *todo* e *mundo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo; MAHMUD, Shahira. **Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BAGNO, Marcos, **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo, 2011, p. 825 a 829.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. ix, 449 p.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. – 48. ed. rev. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COUTINHO, Ismael de Lima, **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso. CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIAS, Fabricio Henriques Miguez. Todo mundo sabe, mas nem todo o mundo escreve! Efeitos da presença e da ausência do determinante o na expressão todo mundo em construções no português brasileiro e no português europeu. **e-Com**, v. 7, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/view/1286>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

DICIONÁRIO INFORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. 489f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar**. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (Org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007.

HOUAISS, Antônio,; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Melo. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Tópicos de história do português pelo viés da gramaticalização**. Rio de Janeiro: Labor Histórico, 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português** - 2 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Édison de. **Todo o mundo tem dúvida, inclusive você – português**. Ilustrações Nik e Walter Pax. – ed. especial – Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2004. 272 p.: II.; 14x21.

RAMOS, Jânia, VITRAL, Lorenzo. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFGM, 2006, p. 13 a 28.

SACCONI, Luiz Antônio. **Dicionário de dúvidas, dificuldades e curiosidades da língua portuguesa**. São Paulo: Harbra, c2005. 382p.

SACCONI, Luiz Antonio. **Não erre mais: português agradável e descomplicado** 25 ed. refor. e ampl. São Paulo: Atual, 2000.

Semântica: 6º período/Roberta Pires de Oliveira ...[et. al.]. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 182 p.